



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO EM ESTUDOS DE GÊNERO E DIVERSIDADE

ANA LUZIA DA SILVA SANTOS

SACOLEIRAS:
A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA ENTRE MULHERES
REVENDEDORAS DE CONFECÇÃO EM SALVADOR-BA

Salvador

2014

ANA LUZIA DA SILVA SANTOS

**SACOLEIRAS:
A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA DAS MULHERES
REVENDEDORAS DE CONFECCÃO EM SALVADOR-BA.**

Monografia submetida ao Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia-UFBA, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Bacharela em Gênero e Diversidade.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Salete Maria da Silva

Salvador

2014

ANA LUZIA DA SILVA SANTOS

**SACOLEIRAS: A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA
DAS MULHERES REVENDEDORAS DE CONFECÇÃO
EM SALVADOR-BA**

Monografia submetida ao Bacharelado de Estudos de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia-UFBA, em cumprimento parcial dos requisitos para obtenção do grau de Bacharela em Gênero e Diversidade.

Salvador, 22 de agosto de 2014.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Salete Maria da Silva
Orientadora

Profa. Dra. Sônia Jay Wright

Prof. Dr. Alexnaldo Rodrigues

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares, em especial a minha irmã Ligia, que sempre me incentivou a fazer o curso de Gênero e Diversidade; sempre me apoiou, e esteve ao meu lado nos momentos difíceis no longo percurso da graduação. A minha mãe e sobrinha com quem posso sempre contar.

Às amigas, principalmente as colegas de curso com quem compartilhei momentos de alegrias e desabafos.

Ao NEIM, por ter me possibilitado novas formas de compreender e olhar as questões de gênero.

Às professoras, em especial a Jalusa Arruda pelo apoio e incentivo a continuidade do curso. A Márcia Macedo pela oportunidade no momento de dificuldade. Agradeço imensamente a todas pelo carinho e apoio.

Às minhas Orientadoras, Salete Maria pela compreensão, paciência e pelo aprendizado para o desenvolvimento dessa pesquisa, e Alinne Bonetti pelos caminhos trilhados no início deste processo.

Às Interlocutoras nesta pesquisa, a quem dedico meu carinho e agradecimento pela participação na pesquisa, dedicando seu tempo e compartilhando suas histórias de vidas.

E a todos/as que de certa forma indireta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa.

“O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridade e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente” (Gilberto Velho).

RESUMO

O objetivo deste estudo foi compreender como as revendedoras de confecção, chamadas “sacoleiras”, estabelecem a “conciliação” entre trabalho informal e família. A construção foi feita a partir dos relatos de experiência das revendedoras sobre como elas organizam o seu cotidiano domiciliar e extra domiciliar. Para tanto, foi realizada uma pesquisa de cunho qualitativo, através do registro de observações empíricas realizadas ao longo do tempo em que convivi com o universo de sacoleiras na condição de funcionária da loja de confecções e de entrevistas semiestruturadas com oito dessas mulheres. Observou-se que as sacoleiras, enquanto trabalhadoras que contribuem, ainda que invisivelmente, para o desenvolvimento da economia não só precisam ter seu cotidiano (re) conhecido como estão imersas numa realidade desafiadora e convidativa para futuras pesquisas relacionadas à sua saúde, sexualidade e interfaces com os marcadores de geração e raça/etnia, dentre outros. Este trabalho, portanto, apresenta-se, modestamente, como uma porta de entrada, cuja chave requer desta e de outros/as pesquisadores/as um olhar mais acurado, e com perspectiva de gênero, que possibilite desvendar um campo ainda pouco explorado.

Palavras-chave: Sacoleiras, gênero, trabalho informal, domesticidade.

ABSTRACT

The aim of this study was to understand how the dealerships confection called "sacoleiras", set the "reconciliation" between informal work and family. The construction was done from the experience reports of retailers about how they organize their everyday home and extradomiciliaractivities. To do so, a qualitative research, by recording empirical observations made during the time that I lived with the universe sacoleiras provided employee of the clothing store and semi-structured interviews with eight of these women was held. It was observed that the sacoleiras, while workers who contribute, albeit invisibly, for the development of the economy not only need to have their daily life (re) known as they are immersed in a challenging and inviting reality for future research related to health, sexuality and interfaces with markers of generation and race / ethnicity, among others. This paper therefore presents itself modestly as a gateway, which requires this key and other the researchers the one look more accurate, and with a gender perspective that enables unravel a little explored field.

Keywords: Sacoleiras, gender, informalwork ,domesticity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO: A TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO	8
2. TRILHAS METODOLÓGICAS	13
2.1 O PERFIL DAS SACOLEIRAS ENTREVISTADAS	15
3. SACOLEIRAS: REFLEXÕES SOBRE A RELAÇÃO DE GÊNERO, TRABALHO INFORMAL E DOMESTICIDADE.	21
4. AS SACOLEIRAS E O SEU COTIDIANO	26
5. DISCUTINDO OS RESULTADOS	31
5.1. CONCILIAÇÃO DO TRABALHO E MATERNAGEM	37
5.2 VENDER É UMA TERAPIA	44
5.3 CARREGANDO FARDOS E ALÇANDO VÔOS	47
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	54
APENDICE A – ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	56
APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	57

1. INTRODUÇÃO: A TRAJETÓRIA DE CONSTRUÇÃO DO OBJETO

O presente estudo trata de um trabalho de conclusão do curso de graduação em Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia. A pesquisa teve como objetivo compreender como as revendedoras¹ de confecção, chamadas “sacoleiras”, estabelecem a “conciliação” entre trabalho informal e família. A construção foi feita a partir dos relatos de experiência das revendedoras sobre como organizam seu cotidiano domiciliar e extra domiciliar.

O tema surgiu a partir da minha experiência profissional ao longo de 25 anos em uma pronta-entrega situada na cidade de Salvador-Bahia, na qual atuei inicialmente como vendedora, assumindo posteriormente o cargo de gerente. A minha função era a de comercializar as confecções para as revendedoras que repassavam para a sua clientela, chamada de “consumidor final”.

Devido à própria dinâmica da atividade de revenda, o contato com as clientes acontecia por duas ou mais vezes na semana, já que existia uma rotatividade intrínseca ao ramo que tornava o contato entre a revendedora e a loja mais frequente, fazendo com que se criassem laços mais estreitos.

Este aspecto foi fundamental para que esse estudo sobre o cotidiano das mulheres revendedoras de confecção fosse desenvolvido. A pesquisa foi realizada numa loja de pronta entrega de confecções, localizada em um Shopping Center de um bairro nobre da cidade de Salvador-Bahia. A participação desta empresa no mercado se deu por 25 anos, iniciada em 1988, tendo sua matriz localizada na cidade de Petrópolis – Rio de Janeiro, encerrando suas atividades há cerca de cinco meses.

Todavia, durante esse período de atividade, a referida loja manteve um público fiel de revendedoras. Muitas delas permaneceram como clientes desde a sua inauguração, o que me facultou – como funcionária da loja – um acompanhamento histórico dessas clientes.

¹O (a) revendedor (a) é o profissional que comercializa produtos de alguma marca, ou fabricados por outras pessoas e, na maioria das vezes trabalha como autônomo e exerce a profissão como atividade de renda complementar, ou trabalha em empresas de revenda. Revendedor. Disponível em: www.brasilprofissões.com.br/profissões/p/revendedor. Acesso em 25 fev. 2014.

A referida loja possuía a finalidade de comercializar para uma clientela específica grande quantidade de confecções para que fosse vendida para o consumidor final. Trata-se de um universo de clientes majoritariamente feminino e, na sua maioria, casada e com filhos. O estudo revelou que o ingresso dessas mulheres no mercado informal pôde representar além da possibilidade de uma renda extra, um processo de empoderamento em termos mais subjetivos, que foi emergindo no processo de investigação.

Contudo, vale destacar que a relação com essas mulheres, sujeitos desta pesquisa, ultrapassava as barreiras de uma relação estritamente comercial. Criou-se, ao longo do tempo, uma relação de confiança que converteu aquele espaço num lugar de escuta de suas histórias de vida. Deste modo, o espaço da loja foi sendo construindo não só como um ponto comercial, mas também de relatos, de desabafos, de alegrias e tristezas. Muitas eram clientes desde a inauguração e, devido à própria demanda da atividade, aumentava o contato diário com essas clientes, favorecendo os vínculos, os diálogos, as relações de confiança e desabafos.

Na sua grande maioria, essas mulheres que exercem atividade de venda na informalidade são conhecidas como “sacoleiras”, não obstante, o termo seja contestado por algumas que preferem ser chamadas de “consultoras de moda”.

É difícil encontrar uma definição do termo sacoleira no campo acadêmico. O Dicionário Michaelis (2014) define o termo “sacoleiro” como “o homem que compra mercadorias por atacado revendendo para obter lucro. Geralmente trabalha com mercadorias populares de baixo valor, confecção ou produtos eletrônicos”. Embora citado no masculino, esta função é exercida, na sua grande maioria, por mulheres.

Discutir sobre a relação *mulher e trabalho informal* é um desafio porque esse tema remete a várias abordagens. Mas, o sentido específico deste estudo traz uma particularidade por se tratar das questões relacionadas a subjetividade das mulheres revendedoras. Esse foi um aspecto que foi motivo de indagação desde o início da minha relação com as sacoleiras. O olhar curioso, indagativo diante dessas questões contribuiu para essa percepção. Os longos anos de convivência com algumas clientes possibilitou acompanhar diferentes momentos da vida envolvendo temas como a domesticidade², e

² O termo domesticidade é usado aqui em consonância com o entendimento de SILVEIRA (2004, p. 74), segundo o qual significa o “caráter daquilo que é doméstico, pertencente ao espaço do lar, próprio do mundo [...] da família”, e não necessariamente na acepção daquilo que é “domesticado, no sentido aparentemente mais tenso (e talvez mais político) do que é domado, acalmado e manso.” Vale destacar

questões correlatas, tais como o casamento, filhos, separação, viuvez, netos, vida financeira, ascensão e declínio social.

Tal convívio trouxe uma proximidade que resultou numa amizade que possibilitou confissões, aconselhamentos, vida íntima que por vezes era compartilhada em conjunto com outras revendedoras. Conflitos na relação marital, problemas com filhos da mais diversa ordem, problemas de saúde, cuidados com idosos, tudo isso construído a partir de uma relação comercial entre vendedor e cliente.

Escutar essas experiências no universo das sacoleiras tão pouco reconhecido enquanto profissão foi instigante e desafiador a ponto de se transformar em um trabalho de pesquisa. De acordo com algumas referências da literatura científica, como, por exemplo, Noronha (2003), essa atividade é vista pela sociedade apenas como um ofício para complementar a renda, mas, no nosso entender, não se reduz a isto, vez que é possível explorar outras dimensões associadas à profissão de revenda, tal como este olhar que me foi possível desenvolver a partir das reflexões estimuladas durante o curso de graduação em Gênero e Diversidade, que trouxe novas percepções para esta experiência, além de interrogações sobre como estas mulheres vivenciam o seu cotidiano, mediando as relações familiares domésticas e os seus respectivos conflitos, assim como com as relações de trabalho no mercado informal.

Estudos sobre a relação domesticidade e trabalho já estão relativamente registrados na literatura (SILVEIRA, 2004). Entretanto, é a particularidade que marca este grupo social que, de um lado, é reconhecido pela sociedade enquanto fruto da informalidade - por saber da existência de mulheres que revendem ou por terem comprado uma roupa de uma sacoleira - e por outro, há uma invisibilidade deste universo de mulheres, cujo significado das relações ainda não foi suficientemente analisado.

Para dar conta dos significados de que se revestem a relação entre domesticidade e trabalho e os seus desdobramentos na vida das sacoleiras, o estudo levou em conta a perspectiva de gênero no que diz respeito às convenções sociais no tocante aos modelos e expectativas de feminilidades e de masculinidades e a produção de desigualdades na

que, segundo o mencionado autor, “[...] tais diferenças de sentido, por serem um tanto sutis, não configuram propriamente um “paradoxo significativo” nem abrem caminhos interpretativos diametralmente opostos.” Cf. SILVEIRA, Fabrício. Sobre a “naturalização” da domesticidade televisiva: uma problematização e um protocolo para a observação empírica. Disponível em http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/alceu_n8_Silveira.pdf. Acesso em 05/12/2013.

esfera doméstica entre homens e mulheres, à diferenciação entre os sexos, o uso do tempo destinado à conciliação do trabalho remunerado e não remunerado.

Sendo assim, a questão de gênero aqui foi discutida tomando por base o conceito forjado por Joan Scott (1990, p. 14), que o compreende como “um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos,(...) e o primeiro modo de dar significado às relações de poder.” A partir dessa definição, a diferenciação entre homens e mulheres e o impacto que traz para as relações sociais ganham outra dimensão. Aparentemente as “práticas de gênero” são desempenhadas de forma naturalizada e essencializada, escondendo o seu caráter de constructo sociocultural em torno da diferença sexual.

Deste modo, esse trabalho apresenta uma reflexão sobre um universo feminino particular, marcado pela sua conflituosa relação entre domesticidade e trabalho extradomiciliar e que, embora represente um contingente significativo de mulheres de classe popular e média, ainda possui certa invisibilidade diante da sociedade e dos estudos científicos.

Foi esse contato mais próximo com as revendedoras mencionadas que me despertou para necessidade de conhecer com mais profundidade essa relação entre a atividade informal no ramo da confecção e a domesticidade vivenciada por estas mulheres, surgindo daí algumas indagações, tais como: o que as fez ingressar nesse mercado informal da revenda? Como conciliam a domesticidade com esse trabalho, já que se pressupõe um maior tempo livre? Em que medida o desempenho desta atividade contribui para a sua emancipação financeira e para seu empoderamento pessoal e social?

Espera-se que este estudo possa contribuir para uma melhor compreensão da profissão das revendedoras, dando maior visibilidade a esse universo das mulheres trabalhadoras situadas no setor informal tão pouco reconhecidas. Esse segmento contribui para movimentar e promover outros setores da economia, mas também é alvo de muitas críticas por parte do comércio varejista. Uma delas é a de que considera que as sacoleiras atuam como um comércio contrabandista, outra seria a crença de que existe uma concorrência desleal pelo fato das sacoleiras não pagarem impostos.

Vale ressaltar que esse estudo não tem a intenção de discutir esse tema sob ótica econômica, mas a sua pontuação é válida para demonstrar o quanto se faz necessário refletir sobre essa demanda que, embora não se tenha dados do contingente de mulheres

atuantes em Salvador, acredita-se que um número significativo de revendedoras contribua para movimentar parte da economia no segmento de confecção.

Sendo assim, a presente monografia está distribuída em cinco capítulos, incluindo esta introdução, que se constitui no primeiro capítulo. O segundo capítulo trata das trilhas metodológicas, indicando quais foram os caminhos percorridos para chegar a compreensão do universo das mulheres sacoleiras, traçando um perfil das entrevistadas. No terceiro capítulo, consideram-se as reflexões sobre as relações de gênero, trabalho informal e domesticidade. Neste momento, o objetivo é compreender como as revendedoras de confecção conciliam o seu cotidiano doméstico sob a perspectiva de gênero. O quarto capítulo traz uma descrição mais detalhada dos afazeres domésticos das mulheres revendedoras, desvelando a sua realidade. Já o quinto capítulo é dedicado a reflexão dos resultados da pesquisa, envolvendo o cotidiano das mulheres e o modo como lidam com a questão da maternagem, dos aspectos subjetivos na relação com a revenda e suas sacolas. Por fim, as últimas considerações versam sobre algumas reflexões acerca da representação social das sacoleiras e a percepção destas sobre o seu trabalho e o seu cotidiano. O olhar indagativo sobre essa questão permitiu ir além do significado restrito ao âmbito comercial, possibilitando a ampliação de novos conhecimentos voltados para essa questão.

2. TRILHAS METODOLÓGICAS

Objetivando compreender o universo das mulheres sacoleiras, foi realizada pesquisa de cunho qualitativo, através do registro de observações empíricas realizadas ao longo do tempo em que convivi com o universo de sacoleiras na condição de funcionária da loja de confecções e de entrevistas semiestruturadas com oito dessas mulheres.

Os estudos de natureza qualitativa se propõem a interpretar os fenômenos sociais privilegiando, segundo Martins (2004, p. 292), a análise dos microprocessos, através do estudo de ações individuais e grupais. Ainda de acordo com esta autora, nos estudos qualitativos, a preocupação central do pesquisador é de aproximar-se intensamente dos dados e “fazê-los falar da forma mais completa possível, abrindo-se a realidade social para melhor apreendê-la e compreendê-la” Deste modo, buscar-se-ão as significações e o contexto da ação social, julgados essenciais para a compreensão da mesma, apreciando sua intencionalidade, valores e os processos de interpretação na ação humana (LAPERRIÈRE, 2008).

Conforme já aludido na introdução, o estudo foi desenvolvido com mulheres clientes de uma loja de pronta entrega de confecções da cidade de Salvador. Como critério de seleção das entrevistadas, priorizou-se mulheres que tivessem mais de 15 anos atuando no ramo de revenda. Este ponto de corte foi escolhido pela possibilidade de acompanhar diferentes momentos da trajetória de vida das entrevistadas, desde o casamento, a constituição e o cuidado dos/das filhos/as até a fase adulta destes. Por consequência, outro critério foi serem casadas ou que estivessem separadas e com filhos/as, com o intuito de compreender melhor as relações de domesticidade e cuidado familiar. Em decorrência dos critérios acima mencionados, a faixa etária das entrevistadas variou de 50 e 70 anos.

No que se refere às técnicas de produção de dados, o recurso da entrevista qualitativa, segundo Gaskell (2002), permite mapear e compreender o mundo da vida dos sujeitos entrevistados se constituindo como ponto de partida para a construção de esquemas interpretativos para compreender as narrativas dos atores em termos mais conceituais e abstratos. Ou seja, a entrevista qualitativa, ainda para este autor, provê

elementos básicos para compreensão das relações entre os sujeitos entrevistados e a sua situação social.

Quanto à observação empírica, o estudo também utilizou desta técnica como recurso para construir um conjunto de questões que orientam as entrevistas. Ou seja, a partir da memória das experiências vivenciadas como funcionária da loja, sistematizei dados observados sobre as sacoleiras que iluminaram minhas entrevistas bem como construíram caminhos analíticos para a compreensão do seu universo simbólico. Cabe ressaltar o desafio metodológico de lidar com um objeto familiar no qual o exercício de distancia e aproximação do objeto se torna complexo. Para tanto, este estudo apoiou-se nas considerações Gilberto Velho (1978, p. 39) em que afirma:

O que sempre vemos e encontramos pode ser familiar mas não é necessariamente conhecido e o que não vemos e encontramos pode ser exótico mas, até certo ponto, conhecido. No entanto, estamos sempre pressupondo familiaridade e exotismos como fontes de conhecimento ou desconhecimento, respectivamente.

As entrevistas foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2013 a partir de um roteiro-guia. Tal instrumento foi testado através de uma entrevista piloto, a partir da qual se aprimorou o instrumento. Os encontros foram agendados nas próprias residências das entrevistadas, sendo que algumas transcorreram em espaços públicos. Os contatos iniciais foram realizados por telefone com vistas a realizar o convite e explicar os objetivos do estudo. Não houve recusas, vale ressaltar que um aspecto importante foi a disponibilidade e o desejo de falar sobre a sua experiência de vida.

As entrevistas tiveram uma duração média de uma hora e foram gravadas com o recurso de um gravador digital, posteriormente realizada a escuta. Em seguida, as gravações foram devidamente transcritas, resultando no material empírico a ser analisado. Vale ressaltar que as entrevistadas, cujos nomes foram preservados³, foram previamente informadas da natureza da pesquisa e anuíram em participar, assinando termo de consentimento livre e esclarecido, conforme documento anexo.

Este processo de análise resultou, primeiramente, de um intenso exercício de escutas dos áudios e de leituras das transcrições. O material empírico produzido teve

³ Para tanto, adotou-se nomes fictícios, tomando por base características de suas personalidades ou do modo como as mesmas se auto identificavam.

uma média de 120 páginas de transcrições além dos registros em diário de campo e outras anotações pertinentes ao estudo. As leituras repetidas propiciaram uma familiaridade com material para desencadear o processo de categorização dos dados. As categorias foram construídas com base nos princípios dos métodos científicos e da literatura utilizada para dar suporte ao estudo.

Em síntese, nas entrevistas foram analisados aspectos em relação ao ramo do mercado informal, quais as expectativas das “sacoleiras” em relação a esse campo; o que as motivou a ingressar nesta seara, as convenções de gênero desempenhadas no núcleo da família, etc. Analisou-se, ainda, como é distribuído o uso do tempo destinado à revenda e as tarefas domésticas, observando-se que é um tempo teoricamente livre em relação ao mercado formal. A pesquisa buscou realizar um confronto entre teoria e empiria, visando perceber como as mulheres significam essa relação do trabalho informal com a domesticidade, conforme se será destacado nos capítulos que se seguem.

2.1. QUEM SÃO AS SACOLEIRAS ENTREVISTADAS?

Com o objetivo de caracterizar o perfil de cada interlocutora, assim como o seu cotidiano, sua relação com o casamento e seus filhos/as, segue uma breve biografia sistematizada a partir das entrevistas.

Joana

Joana é viúva, tem 68 anos de idade, recebe uma pensão no valor de mil e quinhentos reais, mas tem uma renda complementar com a atividade que exerce de revenda. Casou-se aos 27 anos e manteve essa relação durante 24 anos. Antes de casar, teve outros relacionamentos, mas nada sério. Mora na área do centro da cidade, no bairro Gamboa de Cima, e possui casa própria. Atualmente mora em uma casa espaçosa com dois quartos, sala, banheiro, cozinha e uma área grande. Joana tem três filhos, na idade de 40, 39 e 33. Os três são casados e dois deles construíram casa no terreno em que Joana mora, um na parte de cima e o outro no terreno ao lado. Embora Joana tenha seu próprio espaço e seja financeiramente independente, ainda mantém os laços da maternagem: cuida da alimentação dos filhos e cuida da neta, já que a proximidade da casa favorece a continuidade dessas tarefas. O fato do filho e a nora trabalharem fora durante o dia, faz com que Joana fique a cargo do cuidado da neta de nove anos de

idade, levando-a à escola, ensinando-lhe as tarefas escolares e provendo-lhe alimentação.

A entrevistada é formada em curso técnico de Contabilidade, mas nunca exerceu a profissão, por conta do casamento. O pai e o marido não achavam que ela deveria trabalhar, mas casar, cuidar da casa, filhos e marido. O cotidiano de Joana gira em torno da atividade de revenda, a qual começou antes de casar por ser uma atividade exercida por sua mãe a que deu continuidade. Compatibiliza essa tarefa com as outras atividades como fazer café, almoço, limpeza da casa, ir ao supermercado, cuidar da neta. O seu lazer fica destinado a fazer caminhada, almoçar fora algumas vezes com a neta e levá-la para ilha nas férias escolares para se distrair.

Lurdes

Lurdes tem 71 anos, começou a atividade de revenda logo após casar, há 36 anos, por sentir necessidade de ajudar financeiramente o marido nas despesas domésticas. Casou-se aos 21 anos “no civil e religioso”, como mencionou, e não teve outros relacionamentos. É casada há 50 anos, tem dois filhos e uma filha, com idades de 46, 43 e 38 anos, respectivamente. Possui apartamento próprio, mora no bairro da Federação. Atualmente mora com o marido que é aposentado e a filha que está separada. Os dois filhos são casados e tem filhos/as. Esta entrevistada é aposentada e recebe um salário mínimo, mas complementa sua renda com a revenda que gira em torno de um salário mínimo. É independente do marido e tem ajuda financeira dos dois filhos para o pagamento do seu plano de saúde.

Lurdes é responsável pelas tarefas domésticas da casa, como cozinhar, lavar, arrumar a casa e cuidar do cônjuge. Costuma viajar duas a três vezes ao ano para comprar roupa e revendê-las e o seu tempo é destinado para revenda, tarefas domésticas, lazer, como viajar, ir para aniversário, casa de praia do filho e leitura.

Loly

Loly é enfermeira, viveu numa relação estável por 30 anos, tendo constituído casamento no civil há três anos. Tem 53 anos de idade e uma filha de 30 anos (casada), mora no bairro do Cabula em casa própria. Possui faixa de renda salarial de até quatro

salários mínimos, contando o salário do hospital e da revenda. Loly trabalha em um hospital no turno de oito horas e, a tarde, sai para revender, atividade que exerce há 30 anos, reservando o horário da manhã antes do trabalho e a noite para fazer as tarefas domésticas.

Esta entrevistada conta que, mesmo sendo a principal responsável pelos afazeres domésticos, o seu marido sempre dividiu as tarefas domésticas, como cozinhar, lavar, “ele sempre ajudou e ajuda até hoje”. Hoje, o marido de Loly é aposentado, mas trabalhava como motorista durante um turno e no outro turno realiza alguns trabalhos esporádicos como eletricista.

Loly estuda à noite e está para concluir o ensino fundamental. Ela voltou estudar porque queria ingressar no ensino superior, pois tinha um sonho de cursar Serviço Social. Entretanto, Loly relata sobre a dificuldade de conciliar os três turnos, tendo o estudo causado obstáculos para a atividade de revenda. Por esta razão, desistiu de ingressar na faculdade e somente concluir o ensino fundamental. Em relação à filha de Loly, esta é casada e mora em outro bairro. No momento da entrevista, a interlocutora disse que a filha estava grávida e que estava muito feliz com a chegada da neta.

Leila

Leila é uma mulher de 53 anos, casou-se aos 18 anos, ficou 35 anos casada e no momento da entrevista estava separada há quatro meses. Deixou a sua casa própria e foi morar de aluguel no bairro do Cabula VI, já que o marido não quis sair de casa e não queria se separar. Ele espera que ela retorne para casa. Ela acredita ter adquirido atualmente uma liberdade a qual nunca sentiu: a de poder fazer o que quer sem dar satisfação. Atualmente com os filhos/as crescidos e casados/as, Leila não tem obrigação doméstica, segundo conta, “faz quando tem tempo e quer, porque não tem mais ninguém dependendo dela”. Embora saliente que a atenção aos filhos/as nunca vai deixar de existir, mas reconhece que não é a mesma responsabilidade de quando são dependentes.

Leila relata que durante muitos anos teve uma relação de submissão ao marido. Entretanto, ao longo do tempo, foi criando estratégias para obter mais independência. Foram muitos enfrentamentos para poder educar os/as filhos/as e poder exercer a

atividade de revenda. Essa reflexão de Leila foi muito importante para que ela tivesse coragem para sair de casa. A sua profissão de revenda garante hoje uma renda média mensal de dois salários mínimos. Com essa renda ela se mantém financeiramente e aguarda ter a garantia do valor de 50% da casa onde ex-esposo mora a partir de um processo judicial que pretende empreender. Estudou até o ensino médio, mas sonha em fazer uma faculdade de Nutrição ou Serviço Social para realizar um desejo que ela acredita não ter realizado por conta da sua responsabilidade doméstica.

Rosa dos Rumos

Rosa dos Rumos é enfermeira, trabalhou por muitos anos como técnica em enfermagem em uma maternidade. Graduou-se em Enfermagem há mais ou menos três anos. Tem 51 anos, casada há 25 anos, tem duas filhas de 24 e 20 anos e um filho de 25 anos. Mora em casa própria no bairro de Amaralina e sempre manteve financeiramente as despesas domésticas. Em relação às tarefas de casas e o acompanhamento das atividades escolares, seu cônjuge tem participação ativa, pois ele quem ficava em casa exercendo algumas atividades como cozinhar e cuidar dos filhos ou acompanhava Rosa nas vendas, levando-a para as lojas de pronta-entrega ou fazendo cobranças de pagamento.

Apesar da independência financeira de Rosa, essa questão não foi determinante para que deixasse de ser submissa ao marido. Segundo ela, esta relação de submissão deve-se ao fato de ter medo de ficar sozinha com três filhos/as, ainda requerendo cuidados dos pais. Deste modo, Rosa evitava alguns conflitos o que resultava em aceitar as exigências do esposo.

Apesar de exercer um trabalho formal, Rosa afirma sentir prazer em vender confecções. Afirma ser “uma distração”, além de complementar a renda. É uma atividade que ela realiza com prazer porque gosta do contato com as clientes, das conversas, das boas risadas, é um momento de descontração.

Cláudia

Tem 51 anos, mora no bairro do Garcia, tinha 20 anos quando casou e tem dois filhos, com idade de 31 e 28 anos. Possui casa própria, estudou até o ensino médio completo e tem renda mensal familiar de até quatro salários mínimos. Atua há mais de 20 anos no ramo. Trabalhou no comércio na área de vendas antes de casar. Após o casamento ficou desempregada e por não ter “mais paciência” de trabalhar com horário fixo, “ter patrão”, decidiu trabalhar para si. Decidiu comercializar confecções por ter mais flexibilidade no horário e poder ter mais tempo em casa. O cônjuge de Cláudia, segundo seu relato, sempre a ajudou nas tarefas e cuidado dos filhos, mas ela sempre foi a principal responsável pelos afazeres domésticos.

Ruth

Ruth é uma mulher de 54 anos que se identifica como uma “guerreira”. Mora em apartamento financiado no bairro de Vila Laura, é formada em Educação Física e separada judicialmente. Tem um filho de 31 anos e uma filha de 30 anos. Ruth passou a revender após o casamento por gostar da área de vendas e por estar em vários lugares lidando com muita gente. Ao mesmo tempo, a atividade ajuda nas despesas com os filhos.

Ruth tem outro relacionamento, mas mora só com o filho solteiro. Possui uma neta do casamento de sua filha. Ela colabora financeiramente com a criação da neta e assume as despesas da sua casa sozinha. Recebe até cinco salários mínimos e o seu cotidiano hoje se divide entre a revenda e as tarefas domésticas, mas que não atrapalha sua rotina, segundo ela. Deste modo, Ruth possui uma independência financeira assim como carro próprio, e no lazer gosta de sair com as amigas e viajar.

Solange

É divorciada há 13 anos, tem 60 anos, mora em apartamento próprio no bairro de Nazaré, tem um filho de 24 anos. Possui o ensino médio incompleto e tem uma renda familiar de até três salários. Durante o período em que foi casada, Solange exerceu a atividade de revenda contra a vontade do marido, foram muitos conflitos para que ela conseguisse revender, mesmo ela ficando um turno em casa para cuidar do filho e da

casa, ainda assim tudo era realizado com muita dificuldade. Segundo conta, as despesas da casa e do filho ficavam por sua responsabilidade, já que o marido não contribuía. Decidiu-se separar quando o filho completou dez anos por não suportar mais os conflitos, as brigas. De início, teve medo da separação por conta do filho, mas depois ela resolveu enfrentar os medos e separou. Depois da separação, ela resolveu pedir a pensão alimentícia para o filho na Justiça, já que o pai se recusava a pagar as despesas da criança. Após muitos enfrentamentos, ela conseguiu receber a pensão e bancar o estudo do filho e continuou com sua profissão de sacoleira que segundo ela, não abandona nunca “até o dia que Deus quiser!”.

3. SACOLEIRAS: REFLEXÕES SOBRE AS RELAÇÕES DE GÊNERO, TRABALHO INFORMAL E DOMESTICIDADE

Conforme já foi exposto, o objetivo central desse estudo é compreender como as revendedoras de confecção chamadas “sacoleiras” conciliam o seu cotidiano doméstico, educação dos filhos, tarefas do lar e o trabalho informal da revenda, levando-se em conta a descrição detalhada de todos os afazeres domésticos, os aspectos subjetivos subjacentes ao tema, entendendo também como trabalho feminino.

Segundo Cristina Bruschini (2007), a descrição dos afazeres domésticos incorporada nas pesquisas do IBGE a partir de 1970 foi relevante, pois viabilizou-se o aos pesquisadores/as a inclusão das descrições do cotidiano das tarefas domésticas. Percebe-se então que a incorporação dos dados descritivos contribuiu para mostrar os aspectos subjetivos dando pistas para compreender a articulação do trabalho doméstico e extra doméstico. Isto quer dizer que a atividade exercida pela sacoleira vai além de atender demandas econômicas, a exemplo da complementação de renda, ou opção financeira para aqueles que estão fora do mercado de trabalho. Elas buscam atender também os anseios de liberdade e autonomia.

Nessa perspectiva, a partir das falas das interlocutoras, foi possível perceber como se dá o cotidiano das sacoleiras a partir dos relatos detalhados das tarefas domésticas como cuidar da limpeza da casa, ir ao supermercado, o cuidado dos/as crianças, fazer almoço, organizando essas tarefas com a atividade de sacoleira. Segundo as revendedoras, a escolha pela atividade, além de obter uma renda extra para ajuda nas despesas, também se deu por permitir que as revendedoras ao mesmo tempo cuidassem das tarefas domésticas e exercessem um trabalho de renda complementar. Tal processo se constituía como uma forma de não “sentir culpa” por estar deixando de cumprir as tarefas domésticas, principalmente no tocante à educação dos/as filhos/as.

Para melhor entender esse campo, algumas questões foram pontuadas levando-se em conta a perspectiva de gênero. Essa discussão passa pelas convenções de gênero envolvendo temas como os “papéis sociais” e a desigualdade na esfera doméstica entre homens e mulheres, a diferenciação de papéis entre os sexos, o uso do tempo destinado à conciliação do trabalho remunerado e não remunerado.

O advento da industrialização e urbanização trouxe novas configurações para a questão da divisão sexual do trabalho e uma nova dinâmica na perspectiva da família, demandando novas reflexões. Trouxe, ainda, um maior número de trabalhadores desempregados, gerando um aumento do emprego informal, assim como outra contextualização das relações trabalhistas e um aumento significativo da presença feminina (NORONHA, 2003).

O vínculo empregatício é um fator que traz obstáculos principalmente para as mulheres casadas com filhos, especialmente aquelas que ainda vivem dentro de modelos de padrões tradicionais, cabendo a estas o cumprimento das tarefas domésticas como responsabilidade de domínio feminino.

Todas essas questões servem para pensar as relações do trabalho produtivo e reprodutivo. Os avanços ocorridos na sociedade em relação às transformações no trabalho trouxeram outras dinâmicas para a sociedade em relação à conciliação do trabalho com as tarefas domésticas.

A compreensão em relação à atividade no mercado informal traz várias vertentes, uma delas é a de que o seu entendimento está associado à negatividade com a crise do trabalho formal pós-fordista. É também visto como problema social e econômico já que é consequência do desemprego, da não formalidade, da ausência de carteira assinada, da não opção, dentre outros (NORONHA, 2003). Por se tratar de uma atividade do mercado informal, observa-se ainda que as revendedoras não possuem qualificação para o desenvolvimento do trabalho com vendas. Trabalho este que exige um conjunto de estratégias, dentre estas, a de selar compromissos pautados na confiabilidade, segundo afirma Portes (1994, p. 434):

O contexto no qual tais oportunidades (lucrar com atividades informais) são transformadas em empreendimentos informais depende da capacidade das comunidades de mobilizar os recursos sociais necessários para enfrentar o poder das leis estatais e assegurar transações de mercado tranquilas.

Outra vertente de análise na contemporaneidade, diz respeito à qualificação do trabalho informal como não apenas uma falta de opção, mas também uma escolha, uma valorização por permitir uma maior flexibilidade no horário, por não ter patrão e até mesmo um maior rendimento, criando assim estratégias como demonstram Helena Hirata e Machado (2007, p.02):

Se os trabalhadores do setor informal estivessem todos atuando por meio de uma estratégia de sobrevivência, não haveria tanta controvérsia acerca da definição de informalidade, com uma análise sob o ponto de vista da posição. Isso porque seria um setor caracterizado por indivíduos que apresentariam variáveis indicativas de capital humano que apontariam para uma situação de desvantagem ou exclusão do mercado, tal como baixa escolaridade. No entanto, a controvérsia acerca da definição deste setor pode estar refletindo a presença de indivíduos que ingressam na informalidade por “opção”.

Luiz Scorzafave e Naercio Filho (2001) afirmam que alguns autores têm demonstrado que há mulheres neste mercado por conta da possibilidade de obter uma renda maior do que estivessem inseridas no mercado formal, uma vez que as mesmas possuindo uma baixa escolaridade, dificilmente alcançariam uma renda superior a um salário mínimo. Considerar a participação da mulher no mercado de trabalho apenas por esse viés é insuficiente para analisar a complexidade desse fenômeno.

O trabalho informal pode representar uma via de mão dupla: de um lado, pode significar uma conquista da independência, representação da “liberdade”, e “estar fora das tarefas domésticas”. De outro lado, pode significar para outras mulheres, a reprodução da dupla jornada, uma vez que a atividade proporciona uma flexibilidade no horário, permitindo assim o exercício da domesticidade. Nesse sentido, caberia então analisar como se produzem essas relações da “sacoleira” autônoma como reprodutora dos “papéis sociais” tradicionais assim como, perceber as novas relações vivenciadas no cotidiano fora dos padrões tradicionais das convenções de gênero.

Luiz Scorzafave e Naercio Filho (2001) afirmam que, nos últimos anos, há uma crescente participação da mulher no mercado de trabalho, mas a questão crucial dessa participação é saber em que moldes têm se dado esse aumento. Apesar do incremento da participação no mercado de trabalho, verifica-se um elevado grau de discriminação. Um dos fatores para a discriminação diz respeito à qualidade das ocupações, tanto no setor formal quanto no setor informal, e outro se refere à desigualdade salarial entre homens e mulheres. Outro aspecto, tratado pelos autores, é a deterioração dos salários o que fez a mulher entrar no mercado para complementar a renda. A flexibilidade do mercado informal é outro ponto que merece destaque, já que este facilita o ingresso da presença feminina.

Por outro lado, verifica-se que a inserção da mulher no mercado não contribuiu para trazer uma distribuição mais equitativa dos afazeres domésticos, já que, conforme Pedrosa & Neves, (2007, p.15).

O papel feminino construído culturalmente em torno das tarefas domésticas tem sido utilizado como argumento para precarização do trabalho feminino mediante a contratação de mulheres com jornada de trabalho parcial e salário reduzido.

Para estas autoras, a dupla jornada das mulheres e o cuidado com os filhos demonstram a continuidade dos modelos familiares tradicionais, onde as tarefas são distribuídas de forma naturalizada, cabendo à mulher a responsabilidade do cuidado da casa, dos/as filhos/as e do marido.

Nota-se uma maior participação das mulheres no mercado de trabalho, mas este se restringe ainda aos cargos considerados de menor prestígio ou remuneração. Ainda que se tenha alguns aspectos positivos em relação ao setor informal, este ainda está tradicionalmente ligado a questões de não inclusão no mercado de trabalho, a oferta de emprego ainda é limitada para as mulheres de baixa escolaridade.. Observa-se aqui uma ideologia de gênero onde a divisão sexual do trabalho delimita espaços masculinos e femininos, atribuindo valores a estes a partir da naturalização das diferenças.

O termo divisão sexual do trabalho não se limita apenas à desigualdade entre homens e mulheres. Para Helena Hirata e Daniele Kergoat (2008, p. 264), “falar em termos de divisão sexual do trabalho deveria permitir ir bem além da simples constatação de desigualdades”. Ao mesmo tempo, de acordo com as autoras citadas, essa questão traz um outro sentido:

(...) falar em termos de divisão sexual, o primeiro é mostrar que essas desigualdades são sistemáticas e segundo, articular essa descrição do real como uma reflexão sobre os processos mediante os quais a sociedade utiliza essa diferenciação para hierarquizar as atividades, e portanto os sexos; em suma, para criar um sistema de gênero.

Helena Hirata e Danile Kergoat (2008, p. 266) utilizam a divisão sexual do trabalho como:

A forma de divisão do trabalho social decorrente das relações sociais entre os sexos; mais do que isso, é um fator prioritário para a

sobrevivência da relação social entre os sexos. Essa forma é modulada histórica e societalmente. Tem como características a designação prioritária dos homens à esfera produtiva e das mulheres à esfera reprodutiva e, simultaneamente, a apropriação pelos homens das funções com maior valor social adicionado (políticos, religiosos, militares etc.)

Torna-se relevante trazer essa discussão para situar que considerar apenas esse referencial conceitual é limitar novas formas de configuração da divisão sexual do trabalho. A forma mais tradicional analítica da divisão sexual do trabalho está associada ao trabalho como vínculo social, através da conciliação família e trabalho. Sendo assim a conciliação trabalho e família é sexuada, pois remete às mulheres à função de conciliar o cuidado com os filhos, com os mais velhos e as tarefas domésticas com o trabalho formal.

Ainda dando continuidade a questão da divisão sexual do trabalho, é digno de nota a organização em relação ao uso do tempo. Cláudio Dedecca (2008) afirma que este nem sempre é mensurado no tocante às questões da jornada de trabalho e da desigualdade entre homens e mulheres. É um tema complexo e de difícil mensuração porque este também vai depender da forma que a sociedade está organizada. Como mostra também o autor, o tempo não é um processo natural, mas um processo de construção que faz parte da trajetória pessoal de cada um e do contexto da sociedade. O uso do tempo está associado aqui aos processos sociais e econômicos.

Contudo, o valor destinado ao trabalho mercantil não é o mesmo destinado às tarefas domésticas no ambiente familiar. Segundo Thompson (1979, apud Hirata; Kergoat, 2008, p.269).

a sociedade brasileira valoriza a forma de trabalho destinada ao mercado e dá pouca atenção àquela que não é orientada a ele, ainda que esta última seja fundamental para estabelecer a disciplina cotidiana do trabalho para o mercado, o que determina a centralidade desse processo na organização do tempo pela sociedade.

Portanto, o que vai definir o uso do tempo é o modo como esse tempo é usado tendo em vista os limites econômicos e sociais e os diversos processos associados a este.

Portanto, o uso do tempo, assim como os outros fatores no campo da esfera doméstica e extra doméstica atuam como importante dimensão de análise para o objeto

em estudo, principalmente na questão da diferenciação dos papéis assumidos na família com o ingresso da mulher na esfera pública.

4. AS SACOLEIRAS E O SEU COTIDIANO

O cotidiano das mulheres sacoleiras gira em torno da organização das tarefas domésticas, do cuidado da casa, dos filhos, do almoço, da limpeza e a conciliação com a revenda. Essa não é uma tarefa considerada fácil pelas sacoleiras, pois muitas vezes é mediada por um processo de negociação, algumas tensões e conflitos. Como lidar com estas questões para que isso não comprometa o papel da mulher cuidadora do lar?

A rotina de trabalho das sacoleiras se constitui basicamente em três atividades essenciais: compra da mercadoria nas lojas de pronta-entrega, a atividade de revenda para os clientes e a cobrança do pagamento. Nesta esteira, ainda envolvem atividades de planejamento da rotina de trabalho, captação de clientes, organização da vida financeira que marcam uma complexidade particular.

No que se refere à compra de mercadorias, as sacoleiras adquirem seus produtos em diversas lojas de pronta-entrega, levando em conta o perfil das suas clientes. O processo de compra, na maioria das vezes, se dava com as chamadas “notas abertas”, ou seja, as clientes adquiriam as mercadorias registrando em uma nota cuja efetuação do pagamento se constituía em um determinado período (a cada 15 dias, ou ao mês, geralmente). Este procedimento é concedido para as clientes que possuíam uma frequência instituída em vendas. Para as clientes de maior confiabilidade também se utiliza o procedimento da forma consignada, ou seja, as sacoleiras adquiriam uma quantidade de produtos, com margem previamente definida, e cujo acerto é realizado em data acordada.

Tais procedimentos de compra exigiam das revendedoras um controle financeiro e uma análise da previsão de vendas acurada. Não são raros os processos de endividamento e negociações entre elas e os fornecedores.

A frequência da ida às lojas é geralmente semanal com o conhecimento prévio dos dias de chegada de mercadoria. Entretanto, tais idas podem variar a depender de outras demandas tais como: solicitação de clientes por alguma confecção específica – uma roupa para um evento social -, trocas de mercadorias, ou ainda efetuar pagamentos aos estabelecimentos.

A previsão de vendas está relacionada com a constituição de uma clientela e o conhecimento do seu perfil. As sacoleiras geralmente formam a sua clientela a partir de indicações de clientes que iniciaram a atividade. Estas indicações podem atingir espaços como locais de trabalho, ou ainda nas próprias residências das clientes. Para aquelas que têm emprego formal, os seus próprios locais de trabalho podem ser uma alternativa de captar clientes. Vale ressaltar que a vizinhança é um público preterido para algumas sacoleiras uma vez que tal relação comercial parece não combinar com a relação de vizinhança. Quando tal processo ocorre tende a ser bastante seletivo para que não ocorram problemas de relacionamento. Há ainda a venda dentro do próprio domicílio da sacoleira, o que não é muito comum.

Esta atividade representa um desgaste físico e emocional considerável por conta dos deslocamentos e as múltiplas idas e vindas aos locais em que os clientes se localizam – residência, trabalho, dentre outros que se constituem os espaços de encontros. As agendas dos encontros também enfrentam dificuldades: os horários, por vezes, no período do almoço no trabalho ou à noite na residência como ainda finais de semana; sendo no local de trabalho, normalmente há obstáculos para o acesso. Vê-se, pois, uma inegável manifestação da dupla e até mesmo da tripla jornada a que elas estão expostas.

Além disso, a atividade de venda requer um conjunto de habilidades tais como conhecimento do perfil da cliente - o estilo de se vestir, preferência de cores e estampas, a numeração das roupas -, das técnicas de venda no que se refere à abordagem aos clientes, a manutenção da clientela, que por vezes exige concessões, negociações quanto ao preço, as formas de pagamento, dentre outras. Vale ainda ressaltar que este conjunto de habilidades é, de uma forma geral, aprendido empiricamente. É o lidar cotidiano que fornecem a experiência necessária para a consolidação dentro da atividade.

É importante ainda ressaltar que esta atividade de revenda, juntamente com a anterior de compra representa um desgaste físico significante. A atividade das sacoleiras exigem inúmeros deslocamentos por dia na cidade, na sua maioria em transportes públicos, portando as suas sacolas de grandes volumes.

No que diz respeito às cobranças de pagamento, esta talvez seja a atividade mais desgastante do processo. Ao se tratar de um mercado informal, as sacoleiras não

dispõem de instrumentos jurídicos para as cobranças. Desta forma, todo o processo de revenda se dá com base nas relações de confiança. Isso impõe a construção de habilidades que possam garantir os pagamentos, a exemplo das formas de abordagem que variam entre momentos de compreensão a momentos de coação e até, por ventura, ameaças. Estes momentos de compreensão envolve uma crença nas justificativas apresentadas pelo cliente que, por vezes está passando por dificuldades financeiras reais, ou ainda a aceitação de argumentos que indicam não corresponder à realidade. O acolhimento dos supostos subterfúgios das clientes se constitui em estratégias para tentar garantir o pagamento, ainda que postergado, como ainda para não perder a cliente.

Em suma, diante da complexidade da rotina de trabalho das sacoleiras, cabe destacar o desafio destas mulheres em conciliá-las com as atividades domésticas. Essa é uma preocupação das revendedoras: exercer a atividade extra doméstica sem deixar que isso afete a organização familiar. Acordar cedo, arrumar e levar os filhos/as à escola, arrumar a casa, ir ao supermercado, fazer almoço, tudo isso fica sob responsabilidade das revendedoras, e com raras exceções tem-se a participação do marido. A escolha por esse trabalho se dá justamente por permitir essa flexibilidade de conciliar as duas tarefas e depende da forma de organização de cada família.

Lurdes, por exemplo, revendia sempre pela manhã. Após levar os dois filhos/as maiores à escola, ela saía para revender, levando a filha menor consigo. A situação se modifica quando uma cunhada, ainda criança, veio morar com ela contribuindo com as tarefas.

[...] e depois que eu tomei essa minha cunhada, que ela veio morar comigo, aí ela estudava de manhã e de tarde. Ela ficava com a menina pra poder eu sair pra vender, pra conseguir o dinheiro pra ajudar na educação, alimentação nem tanto, porque o que ele ganhava, dava pra alimentação, mas não dava pra roupa, não dava pra lanche, não dava pra essas coisas. Então, eu resolvi a batalhar.

As revendedoras utilizam um verdadeiro “jogo de cintura”, termo que as mesmas utilizam, tanto para lidar com essas tensões entre a tarefa de cuidar da casa e dos/as filhos/as e a atividade de revenda traduzida em comprar as mercadorias, vendê-las e receber o pagamento. Outro ponto de tensão no cotidiano doméstico é relação com os

cônjuges que não aceitam o trabalho extra doméstico. Tal tensão demonstra aspectos nos quais, em determinadas camadas da sociedade, a responsabilidade destinada à mulher com as tarefas domésticas com o modelo de homem-provedor e mulher cuidadora. A fala de Leila expressa bem esse lugar determinado na esfera doméstica marcado pela divisão de papéis resultantes da desigualdade de gênero:

Quando eu comecei, como eu me casei cedo, eu sempre tive vontade de...eu nunca fiquei satisfeita em ser só doméstica, só cuidar de casa e de filho. Eu sempre queria fazer alguma coisa extra que me remunerasse que me fizesse bem, que fosse uma coisa extra lar, extra casa. E como eu tinha um marido muito ciumento, ele me proibia de estudar me proibia de trabalhar, me proibia de tudo e aí eu comecei a dar um jeito de comprar as coisas pra revender (...)

Essa não é uma realidade vivenciada exclusivamente por Leila, a pesquisa demonstrou que muitas terminam entrando em um jogo de negociação que permite continuar com a atividade extra ou vendiam escondido dos seus maridos para evitar conflitos. A estratégia era comercializar na hora que levava os filhos/as à escola, ou no momento que o marido saia para trabalhar.

Falar do cotidiano das revendedoras é um desafio, pois está relacionada com a forma que as diferentes famílias se organizam. As revendedoras procuram organizar o âmbito doméstico de acordo com o dia de chegada das mercadorias na pronta-entrega. Geralmente acordam cedo, preparam café da manhã e o almoço para os filhos/as e marido e para que possam sair com “mais tranquilidade” comprar, vender ou receber.

Por vezes, a limpeza da casa varia conforme o horário destinado à revenda. Esta pode ser realizada pela manhã antes de sair de casa ou no horário que chegar da rua; algumas preferem fazer a noite. Esta tarefa inclui a arrumação da casa, lavar prato, limpar o banheiro, lavar roupa, nesse caso, com o recurso da máquina de lavar, já que todas possuem. A preparação das refeições também fica a cargo da mulher, com exceção de Rosa dos Rumos que o cônjuge compartilha essa tarefa.

Agora uma coisa que sempre ele gostou de fazer dentro de casa, foi cozinhar. Então, às vezes tem até briga pra saber quem vai cozinhar, porque ele gosta de cozinhar e eu gosto de cozinhar. Ele: “Não, deixe que eu faço”, aquela agonia. (Rosa dos Rumos)

Ir ao supermercado também é tarefa das mulheres, desde a escolha dos produtos a serem comprados, assim como guardá-los após chegar a casa. Em alguns casos, esse é um serviço que também é compartilhado com o marido.

Para aquelas que exercem trabalho formal, pode-se dizer que exercem a tripla jornada. As tarefas domésticas são realizadas de manhã cedo ou a noite após chegarem a casa, pois o turno integral fica destinado ao trabalho com vínculo empregatício e o trabalho informal.

Pode-se dizer que traçar as experiências de vida das revendedoras, durante os vinte anos de revenda, contribuiu para a compreensão das diferentes fases da sua vida cotidiana acompanhada por distintos momentos da sociedade. Este é um aspecto relevante para perceber quais mudanças trouxeram para a vida das interlocutoras a partir da dimensão das mudanças ocorridas na sociedade e os impactos na sua vida cotidiana.

A pesquisa revelou que a maternagem teve um papel fundamental nas decisões da organização familiar. O fato de ter filhos/as trouxe um viés duplo na vida das sacoleiras. De um lado, esta condição limitou o acesso a um trabalho extra domiciliar formal, mas por outro, impulsionou as mulheres para o exercício de um trabalho extra domiciliar.

5. DISCUTINDO OS RESULTADOS

Os resultados advindos dessa pesquisa partiram de um contingente de oito mulheres entrevistadas na faixa etária de 51 a 71 anos. Nesse universo abordado, quatro mulheres eram casadas, sendo três separadas e uma viúva. Esta recebe pensão e é responsável pela casa e pelo cuidado da neta, na ausência dos pais. Das casadas, duas exercem além da domesticidade, a revenda e o trabalho formal, sendo que contam com a ajuda do cônjuge nas tarefas domésticas e possuem independência financeira. As que estão separadas não dependem financeiramente dos ex-maridos e são responsáveis pelas tarefas domésticas.

A renda financeira individual estimada das entrevistadas variou de dois até cinco salários mínimos. Cabe destacar que, dentre as oito entrevistadas, quatro possuem a revenda de confecções como única fonte de renda. As demais possuem outras fontes como aposentadoria e pensão por viuvez; tendo ainda duas que possuem emprego formal de meio turno. Contudo, vale ressaltar que a contabilidade da renda advinda da atividade é algo de difícil precisão pelas próprias entrevistadas, uma vez que a dinâmica do trabalho é instável e imprevisível. Há uma rotatividade muito grande sem a garantia de um dia certo para o recebimento, o que dificulta um maior controle do ganho real proveniente da revenda.

Salienta-se que cinco são chefas de família, ainda que algumas tenham participação financeira dos companheiros no orçamento familiar. Não obstante, a reflexão aqui, embora não seja o foco principal do trabalho, incide na compreensão de como as mulheres, através do mercado informal, mantêm a “chefia” doméstica, exercendo o trabalho extra domiciliar e a responsabilização com as tarefas de casa. Vale ressaltar que o “reconhecimento como chefe de família pode ser dado a quem assume a responsabilidade com os cuidados da casa e com os filhos ou ainda quem responde mais fortemente pela manutenção econômica do lar” (Dados do PNAD, 2009).

Esse dado tem relativa influência com a dimensão familiar e a relação de gênero estabelecida entre o casal, associada a uma maior independência financeira da mulher. Algumas revendedoras destinam maior parte do seu ganho para as despesas domésticas, o que compromete todo o salário. Outras participam de forma menos ativa nas despesas da casa, ficando o seu salário destinado a gastos mais individuais, a exemplo de compra

de roupas, cosméticos, presentes para familiares – netos e filhos - ou ainda atividades de lazer.

A maioria das mulheres entrevistadas possuía mais de 20 anos no exercício da profissão de revenda e, de acordo com os relatos, começaram essa atividade logo após se casarem. Elas relataram que os motivos que as levaram a ingressar no ramo foram ter uma alternativa de colaborar nas despesas domésticas, ou pela necessidade de exercer um trabalho diferente do doméstico, atribuindo à revenda a construção de um valor e reconhecimento que não possuíam no exercício doméstico. Alegaram ainda uma possibilidade de poder adquirir certa independência e liberdade em relação aos cânones instituídos ao papel da mulher.

A liberdade aqui referida, na perspectiva das entrevistadas, é a possibilidade de escolha para poder realizar outras atividades que não seja a “obrigação” doméstica. Em outras palavras, significa sair das tarefas domésticas, viajar, tomar decisões, etc. É uma liberdade negociada com os companheiros, e se dá em função de um trabalho que traz frutos para a renda familiar. Esse aspecto tem um peso fundamental nas negociações, nos conflitos, que resultam uma relação de troca em nome da liberdade e independência.

A maioria das entrevistadas casou-se na faixa dos vinte anos de idade. Por estar casada e com filhos, exercer uma atividade no setor formal, com carga horária definida, ter patrão/ao, poderia trazer algumas consequências para o casamento e, principalmente, para a educação dos filhos. Deste modo, a opção de exercer uma atividade em que não compromettesse o seu papel de “mãe, mulher e cuidadora do lar” se fez presente. Esse aspecto ficou evidenciado nas entrevistas com as interlocutoras, principalmente, no que diz respeito à questão da educação dos/as filhos/as, a preocupação com quem deixá-los durante o período do trabalho. De fato, confiar a alguém essa tarefa não é uma decisão fácil, para quem tem incorporado que esta é uma responsabilidade feminina.

Essa questão só vem afirmar o que alguns/as autores/as trazem em relação à mulher no mercado de trabalho. Apesar de considerar que o ingresso das mulheres neste setor trouxe uma série de alterações na família tradicional nuclear, deve-se também ponderar que não necessariamente essa questão representa uma mudança na responsabilização das mulheres nas tarefas doméstica. É desta premissa que decorre a incorporação da dupla jornada de trabalho do cotidiano das mulheres na contemporaneidade.

Essas mudanças guardam suas variáveis de acordo com os valores culturais e o desenvolvimento político e econômico. Ao mesmo tempo, consiste em uma trajetória não linear que altera de acordo com a dinâmica da sociedade. Portanto, mesmo com essas alterações ocorridas na sociedade, ainda há um predomínio de que cabe apenas à mulher a responsabilidade com as tarefas domésticas com o modelo homem-provedor e mulher-cuidadora.

Essa forma de organização da sociedade desconsidera outras formas de arranjos sociais ou as coloca no campo da marginalização. Embora haja alguns avanços no que diz respeito a diferentes relações conjugais, muitas ainda se organizam ou são vistas de acordo com os padrões tradicionais de assimetria e desigualdade de gênero. (ARAÚJO, et al, 2007)

Diante disso, ficou evidenciada nas análises das entrevistas, a responsabilização das mulheres com a educação dos filhos, mesmo naquelas onde existe a divisão das tarefas. Há participação masculina, todavia não substitui o papel da mulher com os cuidados da casa. Para a pesquisadora Neuma Aguiar (2013, p. 2) “A organização do espaço doméstico no Brasil está mudando radicalmente e as mulheres vão cobrar, cada vez mais dos homens, uma colaboração nos afazeres da casa.” Por isso, faz-se necessário conhecer o cotidiano das famílias.

Ademais, as pesquisas realizadas por Bruschini (1990), que analisam a divisão sexual das atividades domésticas em profundidade, trazem o fato de que os homens se envolvem em tarefas mais seletivas. Ela cita Sorj (apud BRUSCHINI, 2004, p. 76) para evidenciar que:

[...] os homens se envolvem, preferencialmente, em atividades interativas, como cuidar dos filhos, nas que envolvem interseção entre os espaços público e privado, como fazer as compras da casa ou levar os filhos ao médico, nas atividades intelectuais – como ajudar os filhos nos deveres escolares – em oposição às manuais ou rotineiras – como lavar roupa ou limpar a casa – ou ainda em tarefas domésticas valorizadas – como realizar uma culinária mais sofisticada.

Contudo, esse aspecto em torno da organização familiar a partir da entrada da mulher no mercado de trabalho pode trazer tensões no âmbito doméstico quando se estabelecem uma relação desigual nos papéis de gênero concernentes às tarefas de casa.

A fala de Solange evidencia isso quando perguntado sobre o que o marido achava da sua atividade de revenda:

Ah! Perturbava, ficava de cueca dentro de casa para as clientes se picar (risos) Oxente! Era. Tinha cliente que dizia: “Solange! Eu não vou mais na sua casa não!” O povo da Saúde, dali do Doron que eu vendia lá, “vou não, seu marido não respeita, fica de cueca”. Ele passava de cueca pra lá e pra cá pra poder as clientes não ir. (Solange)

Os dados apresentados demonstram que, para algumas mulheres, exercer um trabalho extra doméstico requer, segundo elas, uma “força de vontade” e um enfrentamento que coloca em risco a vida conjugal, pois os seus respectivos cônjuges não aprovam o trabalho extra domiciliar, como ressaltado na fala de Ruth:

Sempre comentava, queria que eu largasse, me proibindo, mas eu sempre meti as caras, às vezes ele me proibia, chegou até a ameaçar que, se eu continuasse a vender, que se separava de mim. Mas como eu tinha dois filhos pequenos, eu ficava com medo que foi o meu erro de não ter coragem de largar. Queria botar uma pronta-entrega, tomei curso de costura para botar uma coisa fixa e ele assim nunca me dava força. Sempre me puxando pra baixo e eu sempre querendo mais. Aí continuei com venda, depois comprei um carrinho, trabalhei numa clínica, nos horários dos intervalos saía pra vender no horário do almoço, eu ia nas pronta entregas, nunca parei, nunca medi esforço pra fazer essas atividades”. (Ruth)

O exemplo de Ruth nos remete a reflexão de que, ao longo da história, vários campos de saberes, seja do domínio da antropologia, da sociologia, psicologia e teorias da economia, tentaram explicar a submissão das mulheres a partir da reprodução social. A entrada da mulher no mercado de trabalho, levando-se em conta as diferentes classes sociais, trouxe várias tensões para a organização familiar: a dupla jornada de trabalho da mulher, a regulação da carga horária de trabalho pelo Estado, as políticas sociais para contribuição de uma relação mais igualitária da mulher no mercado de trabalho.

Contudo, remeter a opressão das mulheres apenas a questão da produção e reprodução, ao mesmo tempo, atribuir toda e qualquer forma de submissão apenas a um viés de análise é limitar as possíveis formas de vivenciar a domesticidade fora das convenções sociais impostas pela sociedade. Essa articulação da esfera pública (trabalho) e privada (família) é influenciada por outros marcadores sociais de classe,

raça/etnia, sendo necessária uma redefinição do significado de trabalho e de como ele interfere na esfera familiar.

Não obstante, com o avanço da escolaridade ocorreram algumas mudanças nas organizações familiares e trabalhistas. Entretanto, não se pode afirmar que o acesso da mulher à educação seja capaz de modificar as relações de desigualdade de gênero. As entrevistadas estudaram até o segundo grau completo, apenas duas possuem nível superior e, nesse caso, isso não foi suficiente para alterar a responsabilidade da mulher pela casa, cuidado com os filhos e maridos.

A revenda de confecções é um trabalho exercido majoritariamente por mulheres pertencentes à classe média baixa, o que corrobora com o que vem sendo apresentado por algumas literaturas como a de Scorzfave e Menezes Filho (2001). Além disso, a informalidade também se torna um desafio para a garantia de benefícios, principalmente no que diz respeito à aposentadoria.

Esse foi um aspecto de preocupação levantado pelas mulheres entrevistadas que nunca tiveram vínculo empregatício: o fato de ter que pagar a contribuição do INSS para garantir aposentadoria. Algumas, por conta da idade, já recebem o benefício da aposentadoria e continuam trabalhando, pois além de afirmarem “não gostar de ficar parada”, o rendimento proveniente da aposentadoria não é suficiente para a manutenção, fazendo-se necessário uma complementação da renda.

Outras preocupações no que diz respeito à questão da idade também são referidas, a exemplo do grande volume das sacolas. O carregar um volume de peso considerável e se locomover através de transporte público são questões que podem futuramente representar um limite para a atuação na área de revenda. O “medo” de não saber “até quando vai aguentar” se constitui em um aspecto importante.

Ainda pode se destacar que a preocupação com o envelhecimento não gira só em torno da garantia da renda. Tal fato é importante, todavia, o que fazer quando não mais puder exercer a atividade de revenda? Que outra função elas iriam ocupar para substituir esse segmento informal e continuar proporcionando um ganho de renda extra e também um sentido de valor subjetivo agregado à prática da revenda?

[...]aí tem esse lado e o outro lado que agora já to sentindo é o peso que faz mal pra nossa saúde, essa é a nossa desvantagem. Que a gente também tem que aprender a administrar sobre isso: que a idade vai chegando e a gente já não aguenta mais pegar tanto peso como pegava quando era alguns anos atrás. E aí agente tem que ver como é que vai ficar essa situação ou diminuir os pesos ou já procurar uma outra coisa pra fazer, mudar! (Leila)

O cotidiano das revendedoras, assim como da grande parcela das mulheres que trabalham fora, segundo elas, “é uma correria”, diante do tempo destinado ao deslocamento e contatos com os/as clientes. Isso porque ter que dar conta da casa, dos filhos, do tempo gasto para atender uma clientela, com grande volume de mercadorias, enfrentando ainda dificuldade de acesso para entrar em algumas empresas em que realizam as vendas:

Essas vendas sempre a gente perde um dia por conta de transporte e da locomoção de transporte, agora com trânsito assim, é engarrafamento e tal... Mas lá pra mostrar a cliente mesmo, a gente não demora tanto por conta que, na maioria das vezes, é empresa e elas podem ver mais na hora do almoço, mas pode-se dizer que a gente perde um dia. Se eu for numa empresa, no meu caso, que não tenho carro, aí mais ou menos um dia eu perco, eu não posso...a programação daquele dia, só pra aquilo mesmo. (Leila)

Tudo isso se torna bastante desgastante, entretanto, ao mesmo tempo, apesar das dificuldades, ainda é um trabalho que dá pra conciliar a tarefa doméstica com a revenda de forma que não deixe de cumprir as obrigações com os filhos e com a casa. Além disso, pode-se ainda se sentir livre para organizar seu horário sem ter patrão ou patroa e exercer um trabalho remunerado.

As estratégias de lidar com independência e com marido fazem parte do cotidiano dessas mulheres revendedoras. Muitas tiveram que fazer enfrentamento para conseguir exercer a atividade de revenda, enfrentamento este pautado em um jogo de negociação para que não rompesse as regras da domesticidade e do domínio masculino. Isso traz uma possibilidade de liberdade, porém, uma liberdade negociada que possibilita o exercício do trabalho de sacoleira conciliado com a organização das tarefas domésticas.

O enfrentamento é uma transformação, porém sem rupturas. É um lugar no qual a maternagem é referendada e muito exaltada que se traduz em demonstrar a responsabilidade das tarefas e o compromisso do quanto a mulher é responsável pelo

cuidado com a família e a casa. Ser sacoleira não parece ser uma não opção, e sim a alternativa que coaduna a maternagem com o trabalho e que, ao mesmo tempo, representa a complementação da renda. Por vezes, ainda representa a liberdade da mulher. Paradoxalmente uma liberdade que concilia com a dominação, uma espécie de transformação do feminino sem rupturas.

5.1. Conciliação do trabalho e maternagem

Essa pesquisa evidenciou que são inúmeras as motivações que levam as mulheres sacoleiras a ingressarem nesse campo de trabalho. Este fato revela outros dados além daqueles já apontados por algumas literaturas a exemplo do Scorzfave e Menezes Filho (2001), segundo os quais, conforme já exposto, tendem a atribuir o ingresso das mulheres neste setor de trabalho a uma suposta impossibilidade de acesso a outros ramos, devido a baixa escolaridade de algumas delas e as dificuldades de obter ganhos melhores.

Contudo, nesse estudo, em específico, ficou evidenciado que tais fatores são muito mais amplos e diversificados quando lido a partir das lentes de gênero e das questões subjetivas e culturais que envolvem a família. A justificativa inicial se dá a partir da necessidade de complementar a renda para as despesas da casa e educação dos filhos. Entretanto, existem também outras necessidades que foram sendo reveladas no decorrer das entrevistas, tais como a liberdade conquistada, a independência financeira, a ampliação do círculo de relações sociais, o reconhecimento de um trabalho pela sociedade diferente do trabalho doméstico, já que este não tem um valor reconhecido, principalmente pelo “marido”, conforme será mais discutido adiante.

Destarte, para muitos, este trabalho no segmento informal representaria apenas uma necessidade de complementação de renda, contudo, se desprender das responsabilidades das tarefas domésticas é outro fator preponderante que serviria como estímulo pra exercer essa atividade. O fato de “se sentir útil”, exercendo um trabalho de “valor”, tanto a nível pessoal como profissional diferente do trabalho doméstico está evidenciado na fala de Leila:

Mas é uma profissão que eu gosto muito de vendas, fiz muitas amizades e que me fez também crescer como pessoa de saber que eu tenho um valor que eu sei fazer alguma coisa, que eu tenho dinheiro pra algum sonho, algum propósito que eu tenho na minha vida,

mesmo porque o meu marido ele não me dava dinheiro. Então as coisas que eu fui adquirindo durante esse período foi através das vendas.

De acordo com a fala das entrevistadas, essa dimensão subjetiva vai ficando mais evidente à proporção que a temática do casamento e da vida familiar vem à tona. Do mesmo modo, o valor e os papéis desempenhados por cada membro da família demonstram ter uma influência importante na decisão de exercer um trabalho extra doméstico. Para muitas mulheres, como temos dito, essa decisão se constitui em muitos enfrentamentos e conflitos para alcançar uma relativa liberdade e independência, conforme aludido na fala de Leila:

E sei que foi muito difícil, aí com o tempo ele aceitar porque por causa do machismo mesmo, eu percebia que ele não queria ter uma mulher independente. Ele queria ter uma mulher pra ele controlar o tempo inteiro em tudo e aí foi, mas só que eu não desisti, continuei com toda dificuldade, correndo, saindo na rua e desligando telefone pra ele não ligar pra casa e não saber que eu tava em casa. Eu tirava o telefone do gancho, o telefone ficava o tempo todo em comunicação já achando...(risos) Era uma loucura, mas sei que foi né?(Leila)

Outro fator concernente ao ingresso das interlocutoras nesse campo diz respeito à educação dos filhos, no tocante a questão da família. Historicamente coube à mulher a responsabilidade na educação dos filhos, o cuidado com as tarefas domésticas. Para muitas mulheres abrir mão dessa responsabilidade para exercer atividade extra doméstica é uma tarefa extremamente difícil, pois às vezes resulta em muitos conflitos e enfrentamentos, fazendo com que muitas tenham que abdicar dos seus “sonhos” para cumprir com os cuidados da casa, filhos/as e marido, um dever que ao longo da história foi determinado como seu.

Tal fato evidencia uma continuidade das tarefas como o cuidado das crianças, da casa – vale ressaltar que também com os idosos -, vista como um “dever” que está “envolto ao papel que a mulher desempenha enquanto mãe, esposa e dona-de-casa, uma vez que permite que a trabalhadora realize tarefas ao longo do dia, em uma exaustiva jornada que tanto é força de trabalho quanto reprodutora da força de trabalho [...]”. (PEDROSA; NEVES, 2007 p.21)

Nos seus estudos que envolvem o uso do tempo na mensuração das atividades dos sujeitos para produção e reprodução, Bruschini (2007), percebeu-se que a articulação

entre o trabalho produtivo e reprodutivo, ou a família, tomou um novo rumo nas pesquisas sobre mulher e mercado de trabalho. Para a autora “qualquer análise sobre o trabalho feminino, procurando romper velhas dicotomias, estará atenta à articulação entre reprodução e reprodução, assim como às relações sociais de gênero” (BRUSCHINI, 2007, p.23).

Tomando como parâmetro as pesquisas de Bruschini, reconhecemos a relevância dos dados apresentados em nossas pesquisas de investigação no tocante à heterogeneidade das tarefas realizadas pelas mulheres revendedoras como o cuidado com a limpeza, cozinhar, o cuidado com as crianças, com a educação, com o marido, fazer as compras, dentre outros. Dados esses que devem ser levados em conta para discutir o papel da mulher no que se refere à esfera doméstica e extra doméstica.

O debate teórico e as pesquisas sobre o trabalho feminino passaram a tomar um novo rumo quando teve foco a articulação entre o espaço de produção e reprodução, “pois, para as mulheres, a vivenciado trabalho implica sempre na combinação dessas duas tarefas, seja pela articulação, seja pela superposição, tanto no meio urbano quanto no rural” (BRUSCHINI, 2007, p.542).

Ainda segundo a autora citada, tratar da questão da força de trabalho feminina no mercado, na esfera do capital, ao longo dos anos de 1970 e 1980, foi um trabalho inicial que “a produção teórica foi pouco a pouco revelando maior sensibilidade tanto para fatores culturais e simbólicos, que também explicam a subordinação feminina, quanto para inserção das mulheres no espaço da reprodução familiar” (BRUSCHINI, 2007, p.23).

A maioria das mulheres entrevistadas demonstrou que a responsabilidade da casa ainda cabe à mulher e, com rara exceção, se vê a participação do marido nas tarefas domésticas.

Tarefas de casa, nem marido nem filho, nunca. Não, não, meu marido só foi no supermercado uma vez que a gente tava brigado, ele pra me tapear, aí foi pro mercado comigo, mas eu disse logo: Oi! Não pense que ta me enganando não, porque eu não sou criança, ele só foi essa vez e nunca mais. Mercado tudo era eu mesmo era que ia que resolvia que fazia e tudo, como até hoje sou eu também. (Joana)

De acordo com Cristina Bruschini (2007), os papéis sociais que constituem a mulher, com suas atribuições e funções, vinculam-se a um sistema de valores que norteiam a concepção do mundo social e o comportamento dos integrantes familiares nesse mundo.

Outro dado enfatizado no estudo diz respeito ao tema da educação. É um processo de transformações das convenções que, ao mesmo tempo, encontra seus limites na construção idealizada que se afirma na maternagem. Ela se evidencia nos cuidados das crianças enquanto bebês, na educação dos filhos. Essa questão demonstrou também, como motivadora para continuidade da atividade de sacoleira, apesar das dificuldades e enfrentamentos apresentados pelas revendedoras, um trabalho que permitiria conciliar as duas tarefas e, ao mesmo tempo, contribuir com a educação dos/as filhos/as propiciando uma qualidade no ensino a partir do ingresso na escola particular.

A questão da educação esteve presente em quase todas as falas das mulheres. A educação de qualidade dos filhos/as esteve sempre associada ao ingresso às escolas particulares, reconhecidas como de melhor qualidade e que fundamentalmente confere um *status* social. Diferente dos homens que achavam uma questão desnecessária, e que priorizar uma escola particular seria apenas uma questão de *status*. Para muitas, a grande motivação do trabalho era poder garantir uma educação de qualidade para os/as filhos/as. Para isso, faziam esforço, abrindo mão dos seus próprios sonhos em função da educação das crianças, conforme destaca Rosa dos Rumos:

(...) a atividade de revenda eu comecei mais ou menos no ano de 1995, quando eu quis melhorar a renda familiar, né? Por conta que eu pagava aluguel, por conta que meu marido estava desempregado, por conta que eu queria dar uma escola melhor para os meus filhos, porque eu sempre achei que o apartamento que eu poderia dar aos meus filhos, era o estudo (...)

A fala de Rosa dos Rumos demonstra o quanto a escola particular tem um significado importante para essas mulheres. O ingresso dos filhos/as na maioria das vezes só foi possível porque contou com a participação das entrevistadas ou contribuindo financeiramente ou assumindo sozinha o pagamento para poder manter os/as filhos/as na escola. Vale ressaltar que, muitas vezes, essa conquista foi fruto de muitos embates e conflitos com os companheiros já que estes tinham outra percepção em relação à questão da educação:

Na pensão, na raça, aí que foi a Via Sacra né de ir lutar pra pensão, muita humilhação, muita humilhação mesmo, muitas lágrimas, mas pra poder eu ter condições de botar meu filho num colégio bom pra hoje eu ter o resultado que eu to tendo. Porque ele achava que colégio particular era coisa de vaidade minha. Ele disse na audiência que eu botei filho em escola particular pra me aparecer. E pra mim a prioridade era o estudo de meu filho e aí eu fui já não tive mais empregada nem nada, então tudo sempre foi comigo mesmo. (Solange)

Nesse contexto tradicional a mulher assume múltiplas identidades, mas essencialmente a orientação para funções do lar e maternagem. Portanto, o entendimento dessa questão passa pela questão de gênero com a compreensão de que esse é um processo resultante de uma construção social e política apoiada em base moral, que cria e dita regras essenciais para a funcionalidade da sociedade e consequentemente das famílias.

Combinar maternidade e trabalho é alvo de discussão histórica. A maternidade foi tema de debate no século XIX e XX, como um dos principais motivos de preocupação das mulheres incluído nas lutas pelos direitos sociais e políticos. As primeiras reivindicações das mulheres de classe média eram da opinião que maternidade e trabalho não combinavam enquanto que as mulheres pobres tinham que combinar porque necessitavam financeiramente. Isso era a condição de muitas mulheres na força de trabalho no final do século XIX e início do século XX na Europa. Contudo, percebe-se em todo esse contexto que o feminismo maternal era uma condição que unia o sexo feminino.

Foram muitas as reformas de proteção pousadas sobre a maternidade, porém muitas consideradas mais paternalistas do que maternalistas. O texto de Gisela Bock (1994) trata das inúmeras discussões no debate feminista em torno do papel de mãe: o trabalho doméstico como verdadeiro trabalho, um trabalho que cria valor; outro ponto de discussão foi a defesa por um trabalho doméstico remunerado; a defesa da maternidade como função social e subsidiadas pelo Estado.

Vale frisar que esse não era um movimento unânime, muitas mulheres criticavam, mas, dentre as críticas, a que teve um peso considerável foi a que colocava em questionamento o papel de mãe, o de transformar um “trabalho do amor” de valor de uso em valor de troca que muitas consideravam “imoral” “não natural” e “monstruoso”. (BOCK, 1994)

Todas essas questões tinham como pano de fundo a ideologia da maternidade, que traz uma nova concepção da visão da maternidade, da sociedade e da relação doméstica e extra doméstica. Os direitos discutidos não a partir de uma função natural biológica em relação aos sexos, mas uma reivindicação feminina que via a maternidade não como uma função fisiológica privada, mas uma discussão que extrapolava a esfera privada e colocava na esfera pública.

Essa breve referência de Bock (1994), traz à tona a discussão da divisão sexual apoiada na questão da desigualdade, e também para mostrar como a maternidade teve função relevante na literatura feminista. É um tema que não se esgota; uma discussão histórica que mesmo diante dos avanços, ainda perdura em alguns aspectos na sociedade atual.

No que se refere à igualdade com os homens, a autora supracitada traz uma citação do início do século XX de Shirmacher (apud Bock, 1994, p.8) onde ela afirma:

Vivemos num mundo masculino criado pelo homem em primeiro lugar e para si próprio, à sua imagem, para o seu bem-estar. Neste mundo, o homem considerou-se a medida de todas as coisas e seres, a medida das mulheres também. Quem quisesse ser seu igual tinha de ser igual a ele, fazer o que ele fazia, para assegurar o seu respeito. Para ele, o valor igual reside apenas no ser: a paridade consegue-se apenas pela igualdade.

A igualdade com direito a diferença ainda é buscada hoje pelas mulheres no que se refere à inserção no mercado de trabalho, a questão da diferença salarial e outras questões que colocaram a mulher em uma condição de submissão em relação ao sexo masculino.

Enfim, sem querer aprofundar todas as discussões trazidas pela autora citada, a intenção aqui é poder situar a questão da maternidade tão ressaltada pelas interlocutoras. A preocupação das mães com o cuidado com as crianças passa por um processo muito mais complexo em torno da maternidade que subjuga a mulher como a principal responsável pela educação e cuidado com os filhos/as.

Trata-se de uma discussão que se amplia para as múltiplas identidades que a mulher-mãe assume, não só cuidado com a casa e filhos/as, assim como marido e os/as idosos/as. Portanto, neste contexto tradicional o que se percebe é que a função da mulher está orientada para as atividades do lar associada à maternagem.

Nesse sentido, os “sonhos” destas mulheres ficam associados à criação dos/as filhos/as, o desejo em vê-los “bem criados”, realizando suas conquistas. Então abrir mão de alguns sonhos para cuidar da família é visto de forma naturalizada pelas mulheres entrevistadas. Por isso, a escolha por um trabalho que possibilite a conciliação de ambas as tarefas sem ter que necessariamente abdicar das suas “responsabilidades domésticas” torna-se fundamental para cumprir com o papel social da mulher na sociedade.

Esta questão remete ao outro aspecto que é o da organização do tempo para conciliação das tarefas. Pode-se perceber, quando analisadas as questões da organização em relação ao uso do tempo, que uma das atividades que mais consomem o tempo gasto nas tarefas domésticas se destina ao cuidado com os filhos/as.

Como afirma Cláudio Dedecca (2008), este tempo é de difícil mensuração porque envolve as diferentes formas de vivência de cada sociedade que nem sempre são mensuradas no tocante as questões da jornada de trabalho e da desigualdade entre homens e mulheres. É um tema complexo porque “o uso do tempo” depende da forma como a sociedade está organizada. Como evidencia o autor, o tempo não é um processo natural, mas um processo de construção que faz parte da trajetória pessoal de cada um e do contexto da sociedade.

Em que pese essas considerações, reforça-se a idéia, já apresentada neste texto, de que o ingresso das mulheres no mercado de trabalho trouxe uma série de alterações na família tradicional nuclear, mas não necessariamente representa uma mudança na responsabilização das tarefas domésticas. Essas mudanças guardam suas variáveis de acordo com os valores culturais e o desenvolvimento político e econômico, ao mesmo tempo, consiste em uma trajetória não linear, que altera de acordo com a dinâmica da sociedade, conforme pode observar na fala de Leila:

Eu acho que a vantagem maior ainda é a gente poder conciliar o trabalho da gente com o cuidar da família, pra mim isso é a coisa mais importante pra mim, foi poder criar meus filhos, não permitir que fosse criado na mão de estranho pra tomar conta e eu sei que esse é o valor maior pra mim foi poder conciliar isso, trabalhar, satisfazer um sonho, um ego meu, o meu ego e ao mesmo tempo poder cuidar dos meus filhos. Poder acompanhar o estudo, poder levar numa escola, poder saber a hora que vem, a hora que vai, dar banho, tudo isso que sei que a maioria das mulheres que trabalham fora em empresas, elas sentem essa falta de cuidar dos seus filhos de cuidar da sua casa de cuidar da sua família, até do próprio marido mesmo não é? De você poder acompanhar o crescimento tá ali dia a dia com eles, eu acho que

esse aí que é o mais importante pra mim e que eu acredito que também... eu acredito que é o mais importante pras mulheres. Que o mais importante foi isso, eu poder acompanhar meus filhos, a criação deles tudo deles e ao mesmo tempo poder ter uma renda e satisfazer aquela vontade minha em não só ser doméstica, mas ter uma profissão que não fosse só doméstica. Isso me emociona.

De fato, de acordo com os dados analisados, o ingresso das mulheres no segmento da revenda, embora não as eximam do exercício das tarefas domésticas, as permitem uma liberdade que é conquistada através de certa independência financeira e da flexibilidade no horário. Tal fato permite conciliar o exercício da domesticidade com outra atividade fora do ambiente doméstico. Para Loly, essa flexibilidade do horário e a liberdade é um fator fundamental na sua vida:

E o meu trabalho também, tudo que eu faço, porque gosto, mesma coisa gosto de ta aqui conversando com você, chego ali vou encontrar uma cliente, vou fazer a mesma coisa (...) eu chego nas compras você mesmo me conhece é a mesma coisa, não tenho pressa, faço tudo, eu não gosto de fazer nada assim de hora marcada de não! (...) Eu quero meu horário livre. Fico agoniada quando me sinto assim presa, não, tem que fazer em tantos minutos, eu gosto de minha liberdade.

A escolha por essa atividade de revenda revela outras vertentes, que necessariamente não significa uma não opção ou a última opção como já citado. Representa sim a opção que coaduna com a maternagem, com o trabalho que, ao mesmo tempo, representa a complementação de renda, mas por vezes representa a liberdade da mulher.

Essa opção tem relação com vários aspectos, principalmente com o poder exercer o papel de mãe e cuidadora do lar, mas, ao mesmo tempo, poder sair um pouco das tarefas domésticas realizando outras tarefas consideradas mais valorizadas. A de poder em alguns casos viajar para comprar mercadoria, dando o sentido prazer e liberdade e o de ter uma renda extra- adquirindo mais independência.

5.2 Vender é uma terapia

Os dados deste estudo revelaram um aspecto no tocante ao significado em ser “sacoleira”. Algumas entrevistadas discorrem sobre a não valorização por exercer um trabalho não formalizado e não reconhecido pela sociedade; trabalho sem carteira assinada, sendo este um dos aspectos negativos para o futuro, principalmente quando chega os limites de atuação por conta da idade. Todavia, trabalhar para si mesmo tem suas vantagens: a flexibilidade do horário, a liberdade de poder conciliar a tarefa doméstica com o trabalho de revenda, poder “sair mais”, conhecer mais pessoas, conversar, disponibilidade para a família e para as responsabilidades domésticas. Esse aspecto é bem representado na fala de Joana:

Olhe! Você vai fazer seu horário, você não tem ninguém pra lhe dizer nada de chegou tarde, chegou cedo, você não tem; Você é liberal, entendeu? Eu acho que as vantagens são essas, você sai a sua vontade, você não tem horário nenhum, e tranquilo, entendeu? Se você tiver com vontade de sair hoje você sai, se você não quiser sair hoje, você já vai amanhã, eu acho que é uma grande vantagem. Trabalha pra você mesma, tem seu dinheiro, você que vai administrar, entendeu? Então, eu acho vantajoso. (Joana)

Outro significado dado pelas sacoleiras em relação à revenda é o “vício”. Muitas ressaltam que vender se torna um vício, comparando algumas vezes com a “cachaça”, demonstrando o quanto é difícil deixar de exercer essa atividade. Faz parte da rotina de vida delas. Deixar essa atividade seria deixar também de sair, de se relacionar com outras pessoas, como afirma Loly:

Aquelas tarefas rotineiras o tempo todo, pelo menos sacoleira já vai em um canto vê uma coisa, vai em outro, vê outro e você fica com aquele vício onde você vê coisa bonita você quer comprar pra levar pra aquela cliente.

Para algumas entrevistadas revender pode ainda significar uma “terapia”:

Porque isso é uma “terapia”, é muito bom! Você conversa com uma pessoa conversa com outro, você tem alguma coisa pra lhe preocupar. Você se preocupa, eu tenho que vender, eu tenho que acertar conta, eu tenho que isso, eu tenho que aquilo, então é uma terapia! (Joana)

Ocupar o tempo, esse é o significado também dado por muitas revendedoras. Muitas afirmam terem começado pela necessidade de ajudar nas despesas domésticas principalmente com o nascimento dos/as filhos/as, mas na atualidade, com os filhos/as criados/as, independentes. Algumas questionam qual o sentido em continuar com a revenda após mais de 20 anos, considerando todas as dificuldades citadas, o peso, o desgaste, os calotes e o limite da idade.

Muitas procuram a resposta acreditando que é um “vício”. Identificam que quem começa a revender “não larga mais”, por se acostumar a sair com as sacolas, ter uma atividade para exercer, ter que sair para comprar e vender e ao mesmo tempo não tendo mais obrigação com filhos/as, tem mais disponibilidade para revenda. É uma atividade exercida com prazer começando a princípio pela necessidade financeira, mas que vai revelando outros significados em ser sacoleira.

Quando questionado para uma das interlocutoras que exerce dois empregos formais, se deixaria a atividade de revenda, ela respondeu que não. Ela entende que vender também é uma prestação de serviço:

Se eu tivesse dois empregos ganhando bem eu ia vender, eu gosto de fazer isso, sei lá você vê arrumada com a roupa que você vendeu, a pessoa contente tem pessoas que não consegue, aí você leva, às vezes a pessoa mais fortinha e tudo , aí você leva e cai bem nela, Ave Maria! Vira sua cliente pra sempre. (Rosa dos Rumos)

Por conseguinte, vender demanda um conjunto de alternativas associadas à revenda necessária a manutenção da atividade. É preciso saber vender, saber cobrar, saber comprar e gostar do que faz. A possibilidade de fazer o horário, ganhar um dinheirinho extra e fazer amizades compõem uma série de funções que justificaria a revenda e o fato de não conseguir se afastar dela.

Como já foi dito, as entrevistadas exercem a atividade de revenda há mais de 20 anos e algumas afirmam que iriam deixar de vender por se sentir cansada. Porém, elas não conseguem porque é prazeroso “vestir uma cliente”, vê que ela se sente feliz por ter a roupa escolhida para ela. Assim, se afastar dessa atividade pode representar se afastar também de uma rede de contatos e amizades. Isso as mantém ativas nesse campo, ter um reconhecimento e valor, fruto do exercício de sua atividade.

Deste modo, pode-se observar que são múltiplas as motivações e as representações do ato de “vender” roupa que, de alguma maneira, sinalizam formas de existência para além das preconizadas ao que se compreende ser mulher no mundo contemporâneo.

5.3 Carregando fardos e alçando vôos

Em relação a meu esposo[...]em relação a ele, ele não mudou, em relação ao esposo, ele nunca me valorizou em relação a meu trabalho, nunca deu importância pra isso, a mulher que eu fui de correr atrás, de ajudar na criação dos filhos e eu fiquei sempre esperando que houvesse uma recompensa de certa forma e aí também começou a me prejudicar no meu trabalho, eu aí preferi me separar e agora tô vivendo sem ele tô vivendo muito bem. Eu e minhas sacolas...risos (Leila)

É com essa intimidade em relação aos seus equipamentos de trabalho que muitas sacoleiras exercem o seu ofício, tendo nas sacolas simbolicamente um significado muito especial. É com elas que as revendedoras dão sentido à vida, sentindo-se valorizada, adquirindo liberdade e independência, um valor que não é adquirido no trabalho doméstico. O reconhecimento por parte das clientes - quando lhes delega a responsabilidade de escolher a roupa específica para atender ao seu gosto - é motivo de orgulho para as revendedoras, que se sentem valorizadas por prestar um serviço com qualidade. A desenvoltura com que escolhem as peças que agradam suas clientes lhes conferem bastante satisfação, conforme a expressa a fala de Ruth:

[...] tenho fruto da revenda que foi Patrícia, tem umas outras aí, mas a maioria é gente conhecida ou então quem indica, as amigas mesmo de Patrícia por ver eu vestir ela, aí acha bonito, tem cliente minha que usa roupa, quando chega no lugar, no evento, todo mundo elogia, então aí fica uma cliente assídua comigo porque sabe que eu não vendo, não empurro a mercadoria, eu tento vender o estilo de cada um. Isso acho que é um diferencial também, que eu não sei se todas vendedoras tem isso. Eu não faço questão de vender a roupa, de vender o produto, eu gosto de ver o cliente se sentir bem com o produto. (Ruth)

Além disso, tem-se a conquista de um saber proveniente dessa atividade da revenda. Embora conhecidas como sacoleiras, muitas se rotulam como “consultoras de

moda”, porque é um trabalho que vai além de adquirir um capital com base na venda de roupa. Mais do que isso, passa por um saber que é entender o que está na moda, compreender o estilo da cliente, a modelagem que vai “cair bem” de acordo com o corpo e o gosto da cliente. Tudo isso é aprendido no dia a dia, no contato com a loja de pronta-entrega e com as clientes. Assim, elas vão adquirindo esse saber, consoante diz Ruth:

Então, a maioria das minhas clientes só me atende meio-dia, de noite e eu sempre fui dessas assim de levar ao cliente e dar conforto ao cliente. Quer ir pra casa, espero tomar banho pra experimentar, se arrumar. Então deixo o cliente bem a vontade pra ver o diferencial de uma sacoleira, de uma revendedora como diz, é...como é que é que o povo chama? Personalstyle, entendeu? Porque eu não acho esse termo sacoleira certo, eu mesmo não me acho porque eu saio de carro, vou com a sacola, vendo individual, não faço venda coletiva que eu não gosto, entendeu? E aí vou levando. Mas dá pra levar, dá pra sobreviver...” (Ruth)

Portanto, esse reconhecimento em relação ao seu trabalho também dá um sentido de valor e reconhecimento contrário ao exercido na vida privada. A articulação da relação entre produção e reprodução revela muitas questões antes não notadas. Segundo Bila Sorj (2004), tratar dessa dimensão entre trabalho remunerado e não remunerado como trabalho social intimamente ligados foi uma das contribuições dos estudos feministas e de gênero, sendo que esse trabalho não remunerado acaba sendo em grande parte realizado pelas mulheres na esfera doméstica.

Essa percepção traz um dado importante: “a noção de que a produção para o mercado e o trabalho doméstico é regido por diferentes princípios, isto é, as regras do mercado se aplicariam à produção, enquanto o trabalho doméstico seria um dote natural que as mulheres aportam ao casamento em troca do sustento” (SORJ, 2004, p.107).

Desse modo, pôde-se perceber na pesquisa, a articulação do trabalho produtivo e reprodutivo e o peso que tem a questão da reprodução na vida da mulher. A vida privada ainda representa para muitas mulheres o limite para a realização de muitos sonhos. O modelo do casamento ideal, com o marido como provedor, foi expectativa de muitas entrevistadas. Entretanto, a própria dinâmica familiar foi revelando novas necessidades e a partir daí foram sendo criadas novas estratégias para sair da rotina doméstica e partir para o segmento de revenda.

Contudo, reafirma-se que vender não é tarefa fácil, como demonstra algumas entrevistadas. Nesse universo revelaram-se algumas particularidades que é o vínculo de redes de amizade a partir dessa atividade, assim como do valor que as sacoleiras dão a essa atividade, como uma atividade exercida com muito prazer. Apesar de revelarem as dificuldades citadas mais adiante, elas conseguem trabalhar com prazer. É o prazer em ver a cliente vestida e satisfeita com sua roupa, o prazer em conseguir atender as necessidades das clientelas, prazer em formar laços de amizade a partir dessa relação comercial. Tudo isso significa uma conquista, significa também ter um “jogo de cintura” para saber vender e saber receber. Essa expertise; esse saber só vai sendo conquistado a partir da experiência que se dá entre a revendedora e a cliente.

Além disso, existe também uma relação com base na confiabilidade mútua. Por um lado, a cliente tem a expectativa de que a revendedora tenha uma roupa que lhe caia bem e, por outro lado, a revendedora espera da cliente receber o pagamento da cliente em dia, já que não existe nenhum documento que garanta a relação da compra e venda. Todavia, isso faz parte desse universo das revendedoras que, só com a experiência, esse saber vai sendo adquirido e se constitui numa relação de compra e venda.

Contudo, de acordo com a fala das entrevistadas, este não seria apenas o único motivo que justificaria o acesso nesse campo informal. Existe um aspecto mais do que utilitarista, que é um campo simbólico, apoiado na constituição das relações sociais como o vínculo com a rede de clientes, o prazer em ver a cliente com a roupa vestida, as amizades conquistadas, um atendimento personalizado. Solange alude sobre isso:

Agora o dia a dia, o relacionamento com as clientes tudo, isso me dá prazer. Eu sinto mais prazer...porque o dinheiro às vezes que o dinheiro fica lá na mão das clientes do que...eu sinto prazer em ver minha roupa na mão do cliente, eu sinto prazer a cliente ficar feliz, então eu acho que parar tá um pouco complicado.

Um dado marcante dessa pesquisa trata da particularidade da relação cliente x vendedora quando vínculos de amizade são estabelecidos. Em todas as falas, as amizades que são conquistadas a partir da atividade de revenda são ressaltadas. Percebe-se que não é só uma relação que se restringe a um comércio de compra e venda. Elas surgem inicialmente com a constituição desse capital e se estende para outras esferas que resultam na constituição de laços de amizade, de compartilhamento da vida pessoal.

A vantagem é muita amizade que a gente consegue nessa área de vendedora umas amizades boas que apesar de ser cliente passa a ser amigos, amigos de você convidar pra sua casa, de sair, de ir pra passeio, de clientes. (Loly).

De acordo com as sacoleiras existem muitas vantagens nesse ramo, mas a amizade tem merecido destaque na fala das interlocutoras. Evidencia que é um trabalho executado com prazer, talvez mais do que tudo, por não estar exercendo uma obrigação, ela tem o significado da escolha. Foi uma profissão escolhida, independente dos diferentes motivos. Essa questão é um contraponto da obrigação das tarefas domésticas, dando sentido à liberdade da escolha dessa atividade por questões já mencionadas acima.

(...) Eu gosto pra mim porque eu acho um trabalho que não deixa de ser um trabalho liberal...mas assim é uma coisa que você faz horário, você trabalha o dia e a hora que quer... (Ruth)

Portanto, a forma com que a sacoleira se relaciona com “sacola”, um objeto que “carrega”, em seu contexto tem uma dimensão subjetiva que pode ter vários significados. Com “a minha sacola” eu conquistei a minha liberdade, a minha renda extra, a minha independência financeira, a minha valorização. Esse pode ser o sentido de quem carrega uma sacola que aos olhos da sociedade pode ter apenas um viés, “a da não opção”.

Carregar sacola pode ainda significar para muitos, carregar fardo, carregar peso, sem necessariamente perceber o empoderamento de quem carrega a sacola, dentro desta, além das roupas, contém os aspectos subjetivos citados que faz com que as sacoleiras tenham essa relação de apropriação da sacola.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Algumas teorias, como também a sociedade, compreendem a profissão da sacoleira como alternativa única voltada para complemento de renda. O estudo tentou revelar que essa não é única possibilidade, ao contrário, esta pode ser uma opção, uma alternativa por poder ter mais disponibilidade de horário para cuidar da casa, dos filhos/as e exercer outras atividades. Além disso, pode-se aumentar a renda, e um ponto que requer um processo mais investigativo é que este trabalho proporciona para as mulheres entrevistadas o sentido da *liberdade*. Mas uma liberdade que, como ficou evidenciado, precisa ainda ser negociada ou até mesmo enfrentada. Mas afinal, de que liberdade estamos falando? A liberdade de poder conhecer pessoas, de exercer um trabalho de valor, a possibilidade de poder viajar, fazer amizades, de poder se ausentar um pouco das tarefas domésticas com uma justificativa plausível que é “trazer dinheiro para despesas da casa e dos filhos/as”.

Complementar a renda ou sustentar a casa não é apenas o cotidiano das mulheres revendedoras de confecção, objetos desta pesquisa, posto que é uma realidade presente na vida de muitas mulheres que trabalham no setor informal; no entanto, acredita-se que esse trabalho apresenta uma particularidade relacionado ao aspecto mais subjetivo destas vivências, as quais pude observar através da minha aproximação e experiência com as revendedoras. Esse foi o ponto motivador para que este trabalho fosse desenvolvido, e cuja metodologia, que partiu das entrevistas em profundidade, possibilitou conhecer, de maneira crítica e reflexiva, o cotidiano dessas mulheres.

Vale ressaltar que esse cotidiano revelou aspectos da intimidade, da relação com o marido e com os filhos/as, separações, busca por uma independência financeira, crescimento e reconhecimento pessoal, a busca pela valorização do marido, relação de amizade com as clientes, as viagens, os conflitos com os maridos emergentes das falas das interlocutoras.

A forma como a maternagem é ressaltada, mostra o quanto o processo biológico construído em torno da maternidade se mantém bastante ativo e pode definir a vida e as decisões das mulheres revendedoras. Educar os/as filhos/as, abrir mão de determinados sonhos, para não deixar as crianças aos cuidados de outra pessoa, tem uma dimensão

que ultrapassa apenas exercer o papel de mãe. É um contexto onde o peso, a culpa, o medo, a responsabilidade atribuída a esse papel não está dissociada das lentes da sociedade, que consoante informas as teorias feministas, não deixam de ser gendradas.

Para essas mulheres, a expectativa do casamento era a realização de um sonho onde mulheres e homens teriam um papel determinado, o homem com um papel de provedor e a maternidade e as tarefas domésticas definidas como feminino. São inquestionáveis as mudanças ocorridas principalmente na organização da família após a entrada da mulher no mercado de trabalho, contudo, isso não garante que a mulher deixe de ser a principal responsável pelas tarefas domésticas, pois as mudanças existem, mas elas são lentas e ocorreram com muitos enfrentamentos e conflitos.

Portanto, esse estudo buscou entender essa particularidade do universo das revendedoras de confecção de uma pronta-entrega de Salvador, levando-se em conta os aspectos subjetivos dessa relação em conciliar o trabalho domiciliar com o trabalho extradomiciliar, ao mesmo tempo tornando essa realidade visível.

O fato das entrevistadas expressarem o desejo em ver a sua história contada revela a necessidade da quebra da invisibilidade por ser uma atividade não valorizada, não reconhecida na sociedade, embora contribua para movimentar um segmento da economia informal. Vale ressaltar que trata de uma economia movimentada hegemonicamente pelo universo feminino: são mulheres que trabalham majoritariamente com mulheres.

Conhecer o cotidiano dessas mulheres revendedoras e as experiências na atividade de revenda foi relevante, pois possibilitou enxergar que o significado de ser sacoleira é muito maior do que expressa o senso comum. A dedicação à venda carrega outros atributos invisibilizados que, por sua vez, terminam por reduzir o significado da sacoleira a uma função estritamente comercial e limitada.

Considerando que os estudos feministas tem, cada vez mais, se ocupado de visibilizar as diversas contribuições que as mulheres, desde sempre, deram à sociedade, nas mais variadas funções, o presente estudo também procurou fazer justiça a uma “categoria” de trabalhadoras que ainda sofre discriminação e preconceito por parte de uma sociedade que não as inclui e nem as reconhece como partícipes de uma economia

que cada vez mais se desenvolve à margem dos direitos trabalhistas e previdenciários em prol dos quais os movimentos de mulheres e feministas tem se articulado e buscado implementar. As sacoleiras, enquanto trabalhadoras que contribuem, ainda que invisivelmente, para o desenvolvimento da economia não só precisam ter seu cotidiano (re)conhecido como estão imersas numa realidade desafiadora e convidativa para futuras pesquisas relacionadas a sua saúde, sexualidade e interfaces com os marcadores de geração e raça/etnia, dentre outros. Este trabalho, portanto, apresenta-se, modestamente, como uma porta de entrada, cuja chave requer desta e de outros/as pesquisadores/as um olhar mais acurado, e com perspectiva de gênero que possibilite desvendar um campo ainda pouco explorado. Eis um desafio que o mundo acadêmico não pode ignorar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIAGADA, Irma. Estruturas familiares, trabalho e bem-estar na América Latina. In: ARAÚJO, Clara; PICANÇO, Felícia e SCALON, Celi. **Novas Conciliações e antigas Tensões?** Gênero, família e trabalho em perspectiva comparada. Bauru, SP: Edusc, 2007, pp 223-265.

BOCK, Gisela. “Pobreza feminina, maternidade e direito das mães na ascensão dos Estados: providência”. In: DUBY, George; PERROT, Michelle. **A história das mulheres no ocidente: o século XX** – vol5. Porto: Afrontamento, 1994. p. 435-478.

Ocidente: o século XX. BRUSCHINI, Maria Cristina Aranha. **Trabalho e Gênero no Brasil nos Últimos Dez Anos.** Fundação Carlos Chagas, Grupo de Pesquisas Socialização de Gênero e Raça. Cadernos de Pesquisa, v. 37, n. 132, set./dez. 2007.

CASTRO, Mary G.; LAVINAS, Lena. Do Feminino ao Gênero: A construção de um Objeto. In: COSTA, Albertina & BRUSCHINI, Cristina (Org). **Uma questão de gênero.** São Paulo: Editora Rosa dos Tempos/ Fundação Carlos Chagas, 1992, p.216-251.

DEDECCA, Cláudio. Regimes de trabalho, uso do tempo e desigualdade entre homens e mulheres. In: COSTA, Albertina et al. **Mercado de Trabalho e Gênero:** comparações internacionais. RJ. Ed. FGV, 2008. 263-278.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M. W.; GASKELL, George (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som.** Petrópolis: Vozes, 2002.

GEORGES, Isabel. Entre vida doméstica e vida profissional. Engenheiros no Brasil e na França. In: COSTA, Albertina et al. **Mercado de Trabalho e Gênero:** comparações internacionais. RJ.Ed. FGV,2008. pp 245-261.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Daniele. Divisão sexual do trabalho profissional e doméstico: Brasil, França, Japão. In: COSTA, Albertina et al. **Mercado de Trabalho e Gênero:** comparações internacionais. RJ. Ed. FGV, 2008. 263-278.

LAPERRIÈRE, A. Os critérios de cientificidade dos métodos qualitativos. In: POUPART, J et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Maria Nasser. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2008. p. 353-385.

LEONE, Eugenia Troncoso; BALTAR, Paulo. A mulher na recuperação recente do mercado de trabalho brasileiro. Revista brasileira Est. Pop., São Paulo, v.25, n. 2, p. 233-249, jul./dez. 2008.

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. **Metodologia qualitativa de pesquisa**. *Educ. Pesqui.* [online]. 2004, vol.30, n.2, pp. 289-300.

MELO, Hildete Pereira; CONSIDERA, Cláudio Monteiro.; SABBAT, Alberto Di. Os afazeres domésticos contam. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.

NEVES, Magda de Almeida e PEDROSA, Célia Maria. **Gênero, flexibilidade e precarização**: o trabalho a domicílio na indústria de confecções. *Soc. estado*. 2007, vol.22, n.1, pp. 11-34. .

NORONHA, Eduardo G. Informal, Ilegal, Injusto: percepções do mercado de trabalho no Brasil. **RBCS** Vol. 18 nº. 53 outubro/2003, p.112-129.

OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto Camilo.; ANTIGO, Mariângela. Evolução do Diferencial de Rendimentos entre Setor Formal e Informal no Brasil: O papel das características não Observadas. **Revista Econômica Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, p. 355-388, maio/ago. 2008.

OLIVEIRA, Lineu Francisco de.; GIL, Antonio Carlos.; SOUZA, Dércia Antunes de. Análise de Políticas Públicas em Prol de **Empreendedores Sacoleiros**. **Revista Eletrônica PRODAM Tecnologia**. Ed.02, ano 2/ Abril/Maio/Junho de 2009.

RIZAVI, Sayyd; SOFER, Catherine. Trabalho doméstico e Organização do tempo dos casais:uma comparação internacional. In: COSTA, Albertina etal. **Mercado de Trabalho e Gênero**: comparações internacionais. RJ.Ed. FGV,2008. pp107-124.

SACOLEIRO. In: DICIONÁRIO Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.16, n.2, jul-dez,1990, p.5-22.

SORJ, Bila. Relações de gênero e teoria social. In: **XVII REUNIÃO DA ANPOCS**, Caxambu, MG, outubro, 1993.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: Nunes, Edson de Oliveira, (org.) **A aventura sociológica**. Objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

APENDICE A

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO GÊNERO E DIVERSIDADE**

**PROJETO DE PESQUISA:
UM ESTUDO SOBRE A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA ENTRE MULHERES
REVENDEDORAS DE CONFECCÃO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO**

ORIENTADORA-ALINNE BONETTI
ALUNA-ANA LUZIA DA SILVA SANTOS

ROTEIRO PARA ORIENTAÇÃO DO TRABALHO DE CAMPO

DADOS PESSOAIS

Nome/Idade/Estado civil/Escolaridade
Quanto tempo de casada/Número de filhos/Idade dos filhos
Bairro onde mora/ Renda mensal

SOBRE EXPERIÊNCIA COM O TRABALHO DE SACOLEIRA

- 1- Como você começou a trabalhar neste ramo?
 - Tempo de atuação no ramo, vínculo com outras atividades laborais.
- 2 - Como funciona o cotidiano/rotina de trabalho com o trabalho

SOBRE A VIDA DOMÉSTICA

3. Relato sobre a vida familiar
4. Como você lida com as tarefas domésticas.
 - Quem é(são) o/a(s) responsável(is) pelas tarefas domésticas.
 - Como a sua família vê o seu trabalho

SOBRE A RELAÇÃO TRABALHO E FAMÍLIA

5. De que maneira organiza as tarefas domésticas e o trabalho.
 - Vantagens e desvantagens

SOBRE A ATIVIDADE DE SACOLEIRA

- 6 – Como você vê o seu trabalho?
 - Dificuldades e desafios
- 7- Como você vê o trabalho de sacoleira
 - Relação do mercado formal e informal/ desafios
8. Como você acha que as pessoas veem o trabalho de sacoleira.

APENDICE B**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO GÊNERO E DIVERSIDADE****Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Prezada senhora,

Você está sendo convidado a participar da UM ESTUDO SOBRE A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMÍLIA ENTRE MULHERES REVENDEDORAS DE CONFEÇÃO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO. Após ser esclarecido (a) sobre as informações do projeto, e aceitando fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável.

O objetivo do trabalho é compreender como as revendedoras de confecção, chamadas “sacoleiras”, estabelecem a “conciliação” entre trabalho informal e família. Para a execução desta parte da pesquisa serão realizadas entrevistas, nas quais poderão ser utilizados gravadores de voz.

Ao participar desta pesquisa a senhora não terá nenhum benefício direto. A sua participação será confidencial e todos os dados referentes à sua pessoa serão exclusivos para a pesquisa em questão e de inteira responsabilidade da pesquisadora, que garante anonimato e total sigilo, assegurando a privacidade das informações fornecidas.

Em caso de dúvidas, poderá procurar as pesquisadoras responsáveis, representada por mim Ana Luzia da Silva Santos (71 99213472).

Atenciosamente,

Ana Luzia da Silva Santos
(pesquisadora responsável)

CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____ aceito participar da pesquisa UM ESTUDO SOBRE A CONCILIAÇÃO TRABALHO-FAMILIA ENTRE MULHERES REVENDEDORAS DE CONFECCÃO SOB A PERSPECTIVA DE GÊNERO. Fui devidamente informado (a) e esclarecido (a) sobre a mesma, os procedimentos envolvidos, assim como os benefícios decorrentes de minha participação. Entendi que posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Sei que meu nome não será divulgado e que não terei despesas e não receberei dinheiro por participar do estudo. Confirmo que recebi cópia deste termo de consentimento e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo desenvolvido por Ana Luzia da Silva Santos, estudante do curso de Gênero e Diversidade da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, ____/_____/_____

Participante

Ana Luzia da Silva Santos
(pesquisadora)